

DO AUTOR DE VOVÓ VIGARISTA

David Walliams

O  
MENINO  
de  
VESTIDO



CUPOM  
PROMOCIONAL  
aqui dentro\*

\*Válido na banca do Raj

intrínseca

## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



Aqui está o seu  
CUPOM!

# PAGUE UM VESTIDO E LEVE DOIS

mediante a compra de 10 *Vogues*  
pelo preço de 8\*



\* Valido apenas na banca do Raj.







David Williams

O  
MENINO  
de  
VESTIDO

Ilustrações de Quentin Blake  
Tradução de Edmundo Barreiros



Copyright do texto © 2008 David Walliams  
Copyright das ilustrações © 2008 Quentin Blake  
Publicado originalmente por HarperCollins Publishers

**TÍTULO ORIGINAL**

The Boy in the Dress

**DESIGN DA CAPA**

© HarperCollins Publishers 2008

**ILUSTRAÇÕES DA CAPA**

© Quentin Blake

**ADAPTAÇÃO DE CAPA**

Julio Moreira

**PREPARAÇÃO**

Sheila Louzada

**REVISÃO**

Carolina Rodrigues

Marcela Lima

**REVISÃO DE EPUB**

Camila Dias da Cruz

**GERAÇÃO DE EPUB**

Intrinseca

**E-ISBN**

978-85-8057-496-8

Edição digital: 2014

*Todos os direitos desta edição reservados à*

**EDITORA INTRÍNSECA LTDA.**

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3<sup>o</sup> andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)



## Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Agradecimentos

1. Nada de abraços

2. Pai gordo

3. Embaixo do colchão

4. Vontade de sumir

5. Só rabiscando

6. A eternidade e mais um pouco

7. Cada vez mais claro

8. Deitado no carpete com Lisa

9. Bonjour, Denise

10. Biscoitos sabor cebola em conserva

11. Estes saltos estão me matando

12. Outro mundo

13. Dois tempos de francês

14. Silenciosa como a neve

15. Não havia mais nada a dizer

16. Com ou sem vestido

17. Maudlin Street

18. Mil sorrisos

19. Arrastando na lama

20. Saia e blusa

21. Mãos grandes e peludas

22. Uma coisa a fazer

Sobre o autor

Conheça os livros do autor

*Para Eddie,  
pela alegria que você deu a todos nós.*





## **Agradecimentos**

Gostaria de agradecer a meu agente literário na Independent Talent, Paul Stevens; a Moira Bellas e todo mundo da equipe de divulgação da MBC; a toda a Harper-Collins, mas especialmente à minha editora-chefe, Ann-Janine Murtagh, e a meu editor, Nick Lake, por acreditarem nesta história e pelo tremendo apoio que me deram; a James Annal, o designer da capa; a Elorine Grant, que criou o projeto de miolo; a Michelle Misra, a copidesque com olhos de água; a Matt Lucas, a outra metade do meu cérebro; à minha mãe e maior fã, Kathleen; e à minha irmã, Julie, por me colocar em um vestido pela primeira vez.

Acima de tudo, gostaria de agradecer ao grande Quentin Blake, que acrescentou mais a este livro do que eu jamais ousaria sonhar.

## Nada de abraços

Dennis era diferente.

Quando se olhava no espelho, ele via um menino de doze anos comum. Mas Dennis se *sentia* diferente. Seus pensamentos eram cheios de cor e poesia, apesar de sua vida ser muito chata.

A história que vou contar começa na casa dele, uma casa comum em uma rua comum de uma cidade comum. Uma casa parecida com todas as outras da rua. Uma delas tinha janelas com vidros duplos; outra, não. Uma tinha o caminho da entrada feito de cascalho; outra, de lajotas. Uma tinha um carro grande e velho na garagem; outra, um modelo mais novo da mesma marca. Pequenas diferenças que apenas destacavam a semelhança de tudo.

Sua vida era tão comum que algo extraordinário simplesmente tinha que acontecer.

Dennis morava com o pai — que tinha um nome, mas como o menino o chamava apenas de pai, vou fazer o mesmo — e o irmão mais velho, John, de catorze anos. Dennis achava frustrante saber que o irmão seria sempre dois anos mais velho que ele, além de maior e mais forte.

A mãe de Dennis tinha ido embora havia alguns anos. Antes disso, o menino saía de fininho do quarto e ficava sentado no alto da escada ouvindo a mãe e o pai discutirem aos berros. Até que um dia a gritaria parou.

Ela havia partido.

O pai proibiu os filhos de sequer mencionarem o nome da mãe. Assim que ela saiu de casa, ele pegou todas as fotos dela que encontrou e as queimou em uma grande fogueira.

Mas Dennis conseguiu salvar uma.

Uma fotografia solitária escapou das chamas e subiu flutuando em meio ao ar quente do fogo, até atravessar a nuvem de fumaça e ficar presa na cerca viva.



Quando anoiteceu, Dennis saiu de mansinho da casa e recuperou a foto. Estava chamuscada e enegrecida nas bordas, e, ao pegá-la, ele ficou triste, mas quando a colocou sob a luz percebeu que a imagem permanecia perfeitamente clara e nítida.

Era uma cena alegre: John e Dennis mais novos com a mãe na praia. Ela usava um lindo vestido amarelo e florido que o menino adorava. Era cheio de cor e vida, além de muito, muito macio. Quando a mãe o vestia, significava que o verão tinha chegado.

Desde que ela fora embora, até fez calor, mas nunca mais houve um verão de verdade em sua casa.

Na foto, Dennis e o irmão usavam calção de banho e seguravam uma casquinha cada um, as

bocas sorridentes lambuzadas de sorvete de baunilha. Dennis sempre levava aquela foto no bolso e todos os dias a contemplava em segredo. A mãe estava muito bonita, apesar do sorriso hesitante. Dennis passava horas olhando fixamente para ela, tentando imaginar em que sua mãe estava pensando quando a fotografia foi tirada.

Desde sua partida, o pai passara a falar pouco e, quando falava, quase sempre era aos gritos, então Dennis assistia muito à tevê. Seu programa preferido chamava-se *Trisha*. Dennis tinha visto um quadro da *Trisha* que falava sobre pessoas com depressão e achara que talvez seu pai tivesse aquilo. Dennis adorava *Trisha*. Era um programa de entrevistas em que pessoas comuns tinham a oportunidade de falar sobre seus problemas ou gritar barbaridades para os parentes, tudo isso sob o comando de uma mulher simpática mas muito inflexível que por acaso se chamava... Trisha.

Durante um tempo, Dennis achava que a vida sem a mãe seria uma espécie de aventura. Ficava acordado até tarde, almoçava lasanha congelada e via programas de comédia baixo nível. Só que, à medida que os dias se transformaram em semanas, e as semanas em meses, e os meses em anos, ele viu que aquilo não era aventura coisa nenhuma.

Era apenas triste.

Dennis e John meio que se amavam daquele jeito que irmãos têm que se amar só porque são irmãos. Mas John sempre testava esse amor fazendo coisas que só ele achava engraçado, como sentar na cabeça de Dennis e soltar um pum. Se soltar pum fosse um esporte olímpico (no momento em que escrevi este livro, me disseram que não é, e acho isso um absurdo), ele já teria ganhado muitas medalhas de ouro e provavelmente seria condecorado pela rainha.

Agora, leitor, você talvez esteja achando que os dois irmãos tenham se aproximado um pouco após a partida da mãe.

Infelizmente, isso só os afastou ainda mais.

Ao contrário de Dennis, John sentia uma enorme e silenciosa raiva da mãe por ela ter abandonado a família e concordava com o pai sobre ser melhor nunca mais voltarem a falar nela. Estas eram algumas das regras da casa:

Nada de falar sobre a mamãe.

Nada de choro.

E a pior de todas: nada de abraços.

Dennis, por outro lado, sentia uma enorme tristeza. Às vezes ficava com tanta saudade da mãe que chorava à noite na cama. Tentava chorar o mais baixo possível, porque dividia o quarto com o irmão e não queria que ele o ouvisse.

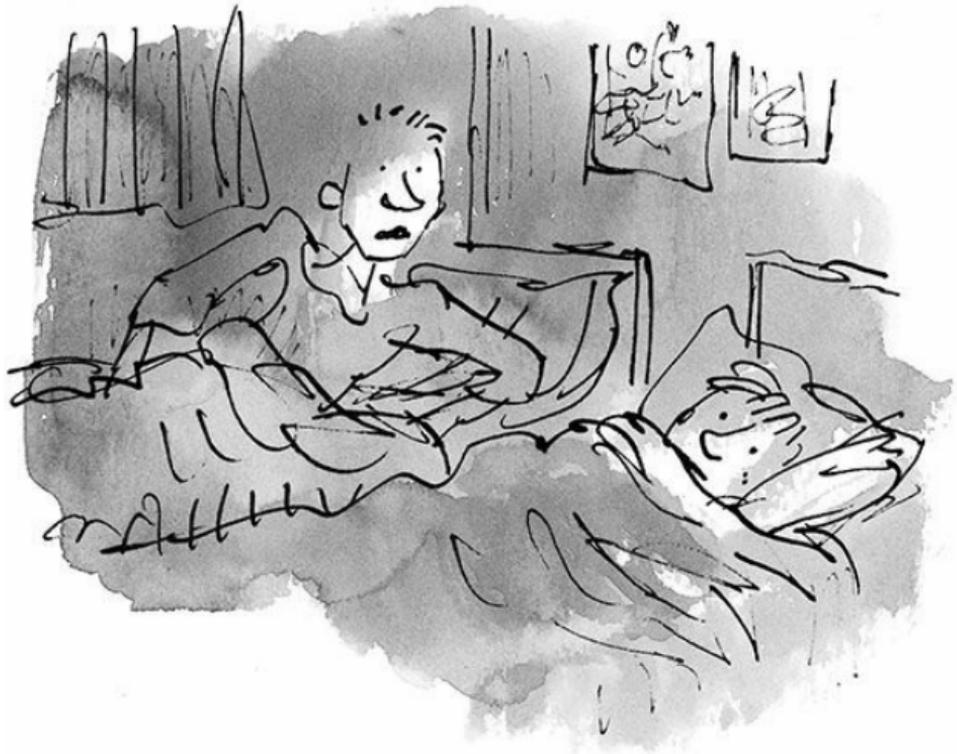
Mas certa noite seus soluços despertaram John.

— Dennis? Dennis? Por que está chorando agora? — perguntou o irmão de sua cama.

— Não sei. É só que... eu... eu queria que a mamãe estivesse aqui. Queria que ela voltasse para casa... — respondeu Dennis.

— Bem, não chore. Ela foi embora e não vai voltar.

— Como você sabe?



— Ela nunca mais vai voltar, Dennis. Agora pare de chorar. Isso é coisa de menina.

Mas Dennis não *conseguiu* parar de chorar. A dor o tomava por dentro, indo e vindo como as ondas no mar, açoitando-o até quase afogá-lo em lágrimas. Mas, como ele não queria aborrecer o irmão, chorava o mais baixinho que podia.

Mas por que Dennis era tão diferente?, você me pergunta. Afinal de contas, esse menino morava em uma casa comum em uma rua comum de uma cidade comum.

Bem, ainda não vou contar, mas a pista pode estar no título do livro...

**Pai gordo**

O pai de Dennis pulava sem parar e gritava de alegria. Então puxou o filho e lhe deu um abraço apertado.

— Dois a zero! — exclamou ele. — Acabamos com eles, hein, filho?

É, eu sei, eu falei que não eram permitidos abraços na casa de Dennis. Mas aquilo era diferente.

Era futebol.

A família do menino achava mais fácil conversar sobre futebol do que sobre sentimentos. Ele, John e o pai amavam futebol e juntos compartilhavam os altos e (mais frequentemente) baixos de torcer pelo time local, da terceira divisão.

Mas assim que o juiz apitava o fim do jogo, era como se o som indicasse o retorno à estrita política de nada-de-abraços.

Dennis sentia falta de ser abraçado. Sua mãe o abraçava o tempo todo. Ela era quentinha e macia, por isso o menino adorava ficar nos braços dela. A maioria das crianças é doída para crescer logo, mas Dennis sentia falta de ser pequeno e ficar no colo da mãe. Em seus braços, ele se sentia mais seguro.

Era uma vergonha que o pai de Dennis quase nunca o abraçasse. Gordos são bons de abraço. São agradáveis e macios, como um sofá grande e confortável.

Ah, sim, eu não mencionei isso? O pai dele era gordo.

Muito gordo.



Ele trabalhava como caminhoneiro fazendo fretes de longa distância. E todo aquele tempo dirigindo sentado, parando só para esticar as pernas, ir ao restaurante do posto e comer refeições que consistiam de ovo, salsicha, bacon, feijão e batata frita... bem, havia um preço a se pagar por tudo isso.

Às vezes, depois do café da manhã, o pai comia dois pacotes de batatinhas chips. Ele ficou ainda mais gordo desde a partida da mãe. Dennis tinha visto na *Trisha* a história de um cara chamado Barry, um homem tão gordo que não conseguia limpar o próprio traseiro. A plateia no estúdio, ao saber o quanto ele comia todos os dias, fez caras e bocas de espanto, em uma estranha combinação de prazer e horror. Então Trisha lhe perguntou:

— Barry, o fato de seu pai ou sua mãe ter que limpar o seu... traseiro... não o estimula a emagrecer?

— Trisha, eu simplesmente adoro comer — respondeu ele com um sorriso constrangido.

Trisha disse a Barry que ele “comia para compensar um problema”. Ela era boa em definir as coisas. Afinal, também já tinha passado por muitos períodos difíceis. Barry chorou um pouco no fim do programa, e, quando subiram os créditos, Trisha sorriu com tristeza e o abraçou — apesar da dificuldade em fazer isso, pois Barry era do tamanho de um trailer.

Dennis se perguntou se o pai também comia para compensar um problema; se cada salsicha ou torrada a mais no café da manhã não era para, nas palavras de Trisha, “preencher um vazio interior”. Mas ele não ousava falar isso ao pai, que, aliás, nem gostava que o filho visse *Trisha*.

— Isso é programa de menina — dizia ele.

Dennis sonhava em um dia participar de *Trisha*. A chamada seria “Os puns do meu irmão são muito fedorentos” ou “Meu pai tem um problema com biscoitos de chocolate”. (Diariamente, quando chegava do trabalho, o pai comia um pacote inteiro desses biscoitos de chocolate viciantes.)

Então, quando Dennis jogava futebol com o pai e o irmão, o homem sempre ficava como goleiro, por ser gordo demais. Ele até que gostava, pois assim não precisava correr muito. A área do gol era marcada por um balde de cabeça para baixo e um barril de cerveja vazio, remanescente de um churrasco havia muito esquecido que eles tinham feito na época em que a mãe ainda morava ali.

Agora não faziam mais churrascos. Comiam salsichas murchas do restaurante da esquina ou tigelas de cereal, mesmo que já tivessem tomado o café da manhã.

O que Dennis mais gostava quando jogava futebol com a família era o fato de ser o melhor jogador. Apesar de o irmão ser dois anos mais velho, Dennis o driblava com facilidade, fazendo muitos gols nas peladas de quintal. E não era *fácil* fazer a bola passar pelo pai. Não que ele fosse um bom goleiro, mas era tão *grande*...



Antigamente, todo domingo de manhã, Dennis jogava futebol no clube da cidade. Sonhava em ser jogador profissional. Depois que os pais se separaram, ele parou de jogar lá; a mãe sempre lhe dava carona, mas o pai não podia levá-lo porque andava de um lado para outro do país em seu caminhão a fim de conseguir dinheiro e pagar as contas.

E aos poucos o sonho de Dennis foi murchando.

Mas ele continuava jogando no time da escola e era o melhor... chutador.

Espere um pouco, preciso procurar esta palavra.

Ah, *artilheiro*.

Sim, Dennis era o melhor artilheiro de seu time e marcava mais de um milhão de gols por ano.

Perdão de novo, leitor, é que eu não entendo muito de futebol: talvez um milhão seja demais. Mil? Cem? Dois?

Enfim, era ele quem fazia mais gols.

Como resultado, Dennis se tornou incrivelmente popular entre os meninos de seu time, menos o capitão, Gareth, que implicava com ele por qualquer besteirinha. Dennis desconfiava de que Gareth tivesse inveja dele por jogar melhor. Ele era um desses garotos anormalmente grandes para a idade. Na verdade, não seria surpresa se Gareth fosse, de fato, cinco anos mais velho que todos na turma e tivesse ficado para trás por ser meio lento.

Certa vez, Dennis faltou à escola em um dia de jogo porque estava muito resfriado. Tinha acabado de assistir à *Trisha*, que mostrou a história cativante de uma mulher que descobrira estar tendo um caso com o próprio marido. Depois pegou uma lata de sopa de tomate para ver seu segundo programa favorito, *Loose Women*, no qual um grupo de moças de expressão furiosa debatia questões importantes do dia, como dietas e calças legging.

Mas, justo quando a abertura do programa estava começando, bateram à porta. Dennis se levantou resmungando. Era Darvesh, seu melhor amigo na escola.

— Dennis, precisamos muito que você jogue hoje — suplicou ele.

— Desculpe, mas estou passando mal. Não consigo parar de espirrar nem de tossir. Aaaatchiiiiimmm! Viu? — respondeu Dennis.

— Mas hoje são as quartas de final. E sempre perdemos nas quartas. Por favor.

Dennis tornou a espirrar.

— Aaaaaaaattccchhhiiiiiiiiimmmmmmm! — Foi um espirro tão forte que ele achou que fosse virar do avesso.

— Por favooooooooo — insistiu Darvesh, esperançoso, limpando discretamente um pouco do catarro de Dennis que respingara em seu uniforme.

— Está bem, vou tentar — disse Dennis, entre uma tosse e outra.

— Ebaaaaaaa! — comemorou o amigo, como se o jogo já estivesse no papo.

Dennis tomou mais um pouco da sopa, pegou seu uniforme de futebol e saiu.

A mãe de Darvesh aguardava lá fora com o motor do pequeno Ford Fiesta vermelho ligado. Ela trabalhava como caixa em um supermercado, mas vivia para ver o filho jogar futebol. Era a mãe mais orgulhosa do mundo, o que sempre deixava Darvesh um pouco envergonhado.

— Graças a Deus você veio, Dennis! — exclamou ela enquanto os meninos se acomodavam no banco de trás. — O time precisa de você. Esse jogo é muito importante. O mais importante do ano, sem dúvida!



— Mãe, apenas dirija — pediu Darvesh.

— Está bem! Está bem! Estamos indo! E não fale assim com sua mãe! — gritou ela, fingindo estar com mais raiva do que realmente sentia.

A mulher pisou no acelerador, e o carro partiu aos solavancos rumo ao campo da escola.

— Ah, vejam quem resolveu aparecer — disse Gareth quando eles chegaram.

Ele não era apenas maior que todos os outros. Também tinha a voz mais grossa e era perturbadoramente peludo para um garoto de sua idade.

Quando tomava banho, parecia um macaco gigante.

— Foi mal, Gareth. Eu não estava me sentindo bem. Estou muito res...

Antes que Dennis pudesse terminar a palavra “resfriado”, ele espirrou com ainda mais violência do que antes.



— Aaaaaaaaaaaaaattccchhhiiiiimmm! Ops, me desculpe, Gareth — falou Dennis, limpando com um lenço de papel um fio de catarro que escorria da orelha do colega.

— Vamos acabar logo com isso — disse Gareth.

Sentindo-se fraco por causa do resfriado, Dennis entrou em campo com o restante do time sem parar de tossir e espirrar.

— Boa sorte, rapazes! Principalmente para meu filho, Darvesh, e, é claro, seu amigo Dennis. Vamos ganhar esta pela escola! — gritava a mãe do menino da lateral do campo.

— Minha mãe só me faz passar vergonha — resmungou Darvesh.

— Eu acho legal ela torcer — disse Dennis. — Meu pai nunca vem aos jogos.

— Quero ver um belo gol seu, hein, Darvesh querido!

— Hum, talvez ela faça *mesmo* você passar um pouquinho de vergonha — concordou Dennis.

O jogo daquela tarde era contra a escola St. Kenneth para meninos, uma dessas escolas em

que os alunos se sentem superiores só porque seus pais têm que pagar para eles estudarem lá. Mas o time deles era muito bom, e em menos de dez minutos fizeram o primeiro gol. A tensão aumentou na mesma hora, e Darvesh roubou a bola de um garoto que parecia ter duas vezes seu tamanho e deu um passe para Dennis.

— Lindo desarme, Darvesh querido! — gritou sua mãe.

A emoção de ter a posse de bola fez Dennis se esquecer do resfriado por um instante; ele driblou toda a defesa do time adversário e foi em direção ao goleiro, um mauricinho de cabelo impecável e uniforme novo, que devia se chamar Oscar ou Tobias ou outro nome de riquinho. De repente os dois estavam frente a frente. Nesse instante, Dennis teve outra crise de espirros.

— Aaaaaaaaaaaaaattcccchhhiiiiiiiiimmmmm!

O catarro foi direto na cara do goleiro, cegando-o por um momento e deixando Dennis livre para chutar a bola e fazer o gol.

— Falta! — gritou o goleiro, mas o juiz validou o gol.

Tinha sido falta, mas não *tecnicamente*.

— Foi mal, hein — disse Dennis.

Ele realmente não tivera a intenção de fazer aquilo.

— Não se preocupe, eu tenho lenço de papel! — exclamou a mãe de Darvesh. — Sempre carrego na bolsa. — Ela entrou correndo no campo, segurando a barra do sári para não sujá-lo de lama, e foi até o goleiro. — Aqui está, garotinho rico — disse ela ao lhe entregar o lenço. Darvesh revirou os olhos, envergonhado com sua mãe invadindo o campo. O goleiro, choroso, limpou o cabelo encatarrado. — Acho que vocês não têm a menor chance.

— Mããããããe! — reclamou Darvesh.

— Desculpem, desculpem! Podem continuar!

Após mais quatro gols (um de Dennis, um de Gareth, um de Darvesh e um “acidental” da mãe de Darvesh), eles venceram a partida.

— Vocês estão nas semifinais, meninos! Mal posso esperar! — exclamou a mulher na volta para casa, buzinando sem parar em seu Ford Fiesta, comemorando. Era como se a Inglaterra tivesse ganhado a Copa do Mundo.

— Mãe, por favor, não vá à semifinal. Não se for para fazer aquilo de novo!

— Como você ousa, Darvesh?! Você sabe que eu não perderia o próximo jogo por nada no mundo! Ah, vocês me deixam tão orgulhosa!

Darvesh e Dennis se entreolharam e sorriram. Por um instante a vitória no campo os deixou com a sensação de serem os donos do universo.

Até o pai de Dennis deu um sorriso quando o filho lhe contou que seu time estava na semifinal.

Mas a alegria do homem não duraria muito tempo...

## Embaixo do colchão

— Que porcaria é *essa*? — perguntou o pai. Seus olhos estavam arregalados de raiva.

— Uma revista — respondeu Dennis.

— Estou vendo que é uma revista.

Dennis ficou tentando entender por que o pai estava perguntando se ele já sabia o que era, mas achou melhor não falar nada.

— É a *Vogue*, pai.

— Estou vendo que é a *Vogue*.

Dennis ficou em silêncio. Ele comprara a revista no jornaleiro alguns dias antes. Tinha gostado da capa; era a foto de uma garota muito bonita usando um vestido amarelo ainda mais bonito, com o que pareciam rosas bordadas na frente. Como aquele que sua mãe vestia na fotografia que o menino levava no bolso. Ele simplesmente teve que comprar a revista, apesar de custar três libras e oitenta e Dennis só receber cinco libras por semana.

**PERMITIDA A ENTRADA DE APENAS 7 ESTUDANTES POR VEZ NO RECINTO**, dizia um cartaz colado à banca. Quem cuidava dela era um homem muito simpático chamado Raj, que ria mesmo quando não tinha nada de engraçado acontecendo. Ele ria só de dizer o nome da pessoa quando alguém entrava. E foi exatamente o que fez quando Dennis entrou na banca.

— Dennis! Ha, ha!

Diante do riso de Raj era impossível não rir também. Dennis ia à banca quase todos os dias, antes ou depois da aula, às vezes só para bater papo com ele. Quando comprou o exemplar da *Vogue*, ele sentiu uma pontadinha de vergonha. Sabia que aquela era uma revista para mulheres, por isso pegou também um exemplar de *Armas de Fogo* no caminho até o balcão e tentou esconder a *Vogue* embaixo dela. Mas depois de passar a *Armas de Fogo* na caixa registradora, Raj fez uma pausa.

Ele olhou para a *Vogue* e depois para Dennis.

O menino engoliu em seco.

— Tem certeza de que quer isso, Dennis? — perguntou Raj. — Quem lê a *Vogue* geralmente são mulheres. E seu professor de teatro, o Sr. Howerd.

— Hum... — hesitou Dennis. — É um presente para uma amiga, Raj. É aniversário dela.

— Ah, entendo! Vai querer levar papel de presente também?

— Ah, está bem — respondeu Dennis, sorrindo.

Raj adorava negociar com os clientes e era muito habilidoso em fazer alguém comprar coisas que na verdade não queria.

— Ficam ali, perto dos cartões.

Dennis foi relutante até lá.

— Ah! — exclamou Raj, animado. — Você precisa de um cartão para acompanhar o presente! Deixe que eu o ajudo.

Raj saiu de trás do balcão e começou a mostrar com orgulho os cartões que tinha à venda.

— Estes fazem muito sucesso com as mulheres. Flores. Mulheres gostam de flores. — Ele apontou para outro. — Gatinhos! Veja que gatinhos adoráveis. E CACHORRINHOS! — Raj estava muito empolgado. — Veja só que filhotinhos mais lindos! São tão fofos, Dennis, que tenho vontade de chorar.

— Er... — fez Dennis, olhando para o cartão com os cãezinhos e tentando entender por que aquilo faria alguém derramar lágrimas de verdade.



— Essa sua amiga prefere gatinhos ou cachorrinhos? — perguntou Raj.

— Não sei — disse Dennis, sem conseguir imaginar do que “sua amiga” gostaria mais se ela existisse. — Acho que cachorrinhos, Raj.

— Então vamos de cachorrinhos! Estes filhotes são tão lindos que tenho vontade de beijá-los todinhos!

Dennis tentou concordar, mas sua cabeça não se mexia.

— Este papel de presente está bom? — perguntou Raj, pegando um rolo que parecia ter sido reaproveitado do último Natal.

— Esse tem estampa de Papai Noel, Raj.

— Sim, Dennis, mas ele está desejando um feliz aniversário! — disse Raj, cheio de confiança.

- Acho que não vou levar, obrigado.
- Compre dois rolos e leve o terceiro de graça — insistiu Raj.
- Não, obrigado.
- Três rolos pelo preço de dois! É uma promoção muito boa!
- Não, obrigado — repetiu Dennis.
- Sete pelo preço de cinco?

Dennis só tirava nota baixa em matemática, por isso não soube avaliar se essa oferta era melhor que a anterior, mas ele não queria sete rolos de papel de presente com estampa de Papai Noel, ainda mais estando em março, por isso disse mais uma vez:

- Não, obrigado.
- Onze pelo preço de oito?
- Não, obrigado.
- Você ficou louco, Dennis?! São três folhas de graça!
- Mas eu não preciso de onze folhas de papel de presente.
- Está bem, está bem. Deixe-me registrar isso no caixa para você.

Dennis acompanhou Raj até o balcão e olhou de relance para os doces que lá ficavam.

— *Vogue, Armas de Fogo*, cartão, e agora você está de olho nas minhas barras de chocolate, não está? — disse Raj, rindo.

- Bem, eu só estava...
- Leve uma.
- Não, obrigado.
- Leve uma.
- Não, Raj...
- Por favor, Dennis, quero que você leve uma barra de chocolate.
- Eu nem gosto muito de chocolate...
- Todo mundo gosta de chocolate! Por favor, pegue uma.

Dennis sorriu e pegou uma barra.

— Uma barra de chocolate, sessenta centavos — disse Raj.

O sorriso do menino sumiu.

— Então no total são cinco libras — prosseguiu o jornalista.

Dennis remexeu no bolso e tirou algumas moedas.

— Como você é meu cliente preferido — disse Raj —, vou lhe dar um desconto.

- Ah, obrigado.
- São quatro libras e noventa e nove centavos.

Dennis já estava quase virando a esquina quando ouviu uma voz gritar:

— Fita adesiva!

Ele se virou: Raj estava sacudindo no ar um rolo de fita adesiva.

- Você vai precisar para embrulhar o presente!
- Não, obrigado — disse Dennis, com educação. — Temos lá em casa.

— Quinze rolos pelo preço de treze! — gritou Raj.

Dennis sorriu e seguiu seu caminho. Sentiu-se tomado por uma onda de empolgação. Mal podia esperar para chegar em casa, abrir a revista e ver aquelas centenas de páginas brilhantes e coloridas. Apertou o passo, depois passou para uma corridinha leve e, quando não conseguiu mais controlar a ansiedade, saiu em disparada.

Chegando em casa, ele subiu direto para o quarto. Fechou a porta, deitou na cama e abriu a primeira página.

Tal qual um baú de tesouro de um filme antigo, a revista parecia refletir uma luz dourada no rosto dele. As primeiras cem páginas eram só de anúncios, mas, de certa forma, eram a melhor parte. Páginas e mais páginas de fotos maravilhosas de belas mulheres em roupas lindas, maquiagens, joias, sapatos, bolsas e óculos escuros. Nomes como Yves Saint-Laurent, Christian Dior, Tom Ford, Alexander McQueen, Louis Vuitton, Marc Jacobs e Stella McCartney vinham no pé das páginas. Dennis não sabia quem eram aquelas pessoas, mas adorou o efeito de seus nomes na revista.

Os anúncios eram seguidos por algumas páginas com texto. Essas partes pareciam chatas, por isso ele não leu nada. Depois vieram muitas páginas com fotos de editoriais de moda. Não eram muito diferentes dos anúncios: mais mulheres lindas e cheias de estilo em fotografias maravilhosas. A revista tinha até um aroma exótico, pois algumas páginas especiais continham uma pequena aba para o leitor experimentar o cheiro do mais novo perfume. Dennis olhou tudo, página a página, e ficou enfeitiçado pelos vestidos, cores, comprimentos e cortes. Podia se perder para sempre naquele mundo.

O glamour.

A beleza.

A perfeição.

De repente, ouviu a porta de entrada ser aberta.

— Dennis? Ei, irmão, cadê você?

Era John.

Dennis escondeu a revista embaixo do colchão na mesma hora. Por algum motivo, não queria que seu irmão a visse.

Então abriu a porta do quarto e gritou, no tom mais inocente possível, do alto da escada:

— Estou aqui em cima.

— O que está fazendo? — perguntou John enquanto subia a escada comendo um biscoito recheado.

— Nada. Acabei de chegar em casa.

— Quer bater uma bola no quinta?

— Claro, vamos lá.

Mas durante todo o tempo que jogaram Dennis não conseguiu deixar de pensar na revista. Era como se ela estivesse brilhando como ouro debaixo do colchão. Naquela noite, quando o irmão estava no banho, ele pegou a *Vogue* sem fazer barulho e ficou folheando as páginas em

silêncio, observando todos os acabamentos, bordados e tecidos.

Sempre que podia, o menino voltava para esse mundo glorioso. Era sua Nárnia, só que sem o leão falante que deveria ser Jesus.

Mas a fuga de Dennis para o mundo mágico do glamour terminou no dia em que o pai descobriu a revista.

— Estou vendo que é a *Vogue*. O que eu quero saber é por que meu *filho* quer ler uma revista de moda?



Parecia uma pergunta, mas havia tanta raiva e força na voz do pai que Dennis não sabia se realmente deveria responder. Não que ele conseguisse pensar em alguma resposta, na verdade.

— Eu só gosto. Tem um monte de fotos de blusas e vestidos, esse tipo de coisa.

— Eu percebi — disse o pai, voltando a olhar para a revista.

Foi então que ele fez uma pausa, e uma expressão engraçada tomou seu rosto. Ele observou a capa por um instante, a foto da mulher com o vestido florido.

— Este vestido. Parece um que a sua m...

— O que foi, pai?

— Não foi nada, Dennis.

Por um momento, parecia que o homem estava à beira das lágrimas.

— Está tudo bem, pai — comentou o menino, em um tom suave, e lentamente apoiou a mão sobre a do pai.

Ele se lembrou de ter feito o mesmo com a mãe quando o pai a fizera chorar. E também se

lembrou de como aquilo, uma criança confortando um adulto, lhe provocara uma sensação estranha.

O pai deixou que Dennis segurasse sua mão por um tempo antes de puxá-la, envergonhado. Ele tornou a levantar a voz:

— Não, filho. Isso simplesmente não está certo. Vestidos. É estranho.

— Bem, para começo de conversa, por que você estava olhando embaixo do meu colchão?

Na verdade, Dennis sabia *exatamente* o que o pai procurava. Ele tinha um exemplar de uma revista masculina como as que ficavam na prateleira mais alta da banca de Raj. Às vezes John entrava escondido no quarto do pai e surrupiava a revista. Dennis já tinha dado uma olhada também, mas não achava aquilo tão divertido. Ficava desapontado quando as mulheres tiravam a roupa. Preferia ver o que elas vestiam.

Enfim, quando o irmão “pegava emprestada” a revista, não era exatamente o mesmo que pegar um livro na biblioteca. Não havia um cartão para uma bibliotecária usando óculos carimbar, e ele não pagava multa se devolvesse com atraso.

Então normalmente John ficava com ela.

Dennis imaginava que a revista tivesse sumido de novo e o pai estivesse procurando por ela quando encontrou a *Vogue*.

— Ora, eu estava olhando embaixo do seu colchão porque... — O pai parecia constrangido, depois com raiva. — Não importa por que eu estava olhando embaixo do seu colchão. Sou seu pai. Posso olhar embaixo do seu colchão a hora que eu quiser! — Ele terminou o sermão naquele tom de triunfo que os adultos usam quando estão falando bobagens e sabem disso. Ele agitou a revista. — Isto vai para o lixo, filho.

— Mas pai... — protestou Dennis.

— Lamento, filho, mas não é certo um garoto da sua idade ler a *Vogue*. — Ele disse *Vogue* como se estivesse falando uma língua desconhecida. — Apenas não é certo — resmungou ele, repetidas vezes, enquanto saía do quarto.

Dennis ficou sentado na beira da cama. Ouviu o pai descer as escadas com passos pesados e depois levantar a tampa do lixo. Por fim, ouviu uma abafada batida metálica quando a revista caiu no fundo da lata.

**Vontade de sumir**

— Bom dia, Dennis! Ou será que devo chamá-lo de Denise? — disse John, rindo com crueldade.

— Eu mandei você não tocar no assunto — disse o pai com severidade enquanto cobria uma fatia de pão de forma com uma camada de dois centímetros de manteiga. Quando a mãe morava com eles, ela o obrigava a usar margarina.

E pão integral.

Dennis se sentou em silêncio à mesa da cozinha, sem sequer olhar para o irmão, e se serviu de cereal.

— Viu algum vestido bacana ultimamente? — provocou John, rindo.

— Eu mandei não falar nisso! — ralhou o pai, desta vez mais alto.

— Isso é revista de menina! Ou de maricas!

— CALE A BOCA! — gritou o pai.

Dennis de repente perdeu a fome, pegou sua mochila e foi embora. Bateu a porta ao sair. Ainda ouviu o pai dizer:

— O que foi que eu disse, John? Acabou, certo? Foi para o lixo.

Dennis caminhou sem vontade para a escola. Não queria ficar nem em casa *nem* na escola. Tinha medo de que o irmão contasse a alguém e que rissem dele por isso. Tinha vontade de sumir. Quando era bem mais novo, ele acreditava que se fechasse os olhos ninguém o veria mais.

Naquele momento, ele desejou que isso fosse verdade.

A primeira aula do dia era de história. Dennis gostava de história. Eles estavam estudando a dinastia Tudor, e ele adorava ver as imagens dos reis e das rainhas em seus trajes requintados. Principalmente Elizabeth I, que realmente sabia como “se vestir para demonstrar poder”, expressão que lera na *Vogue*, ao lado da foto de uma modelo em um terninho muito bem-cortado. Mas Dennis sempre achava química, a aula seguinte, um tédio total. Passou a maior parte do tempo olhando fixamente para a tabela periódica e tentando entender o que era aquilo.

Quando chegou a hora do recreio, Dennis foi jogar bola no pátio com os colegas, como fazia todos os dias. Estava se divertindo até ver John com um grupo de amigos, uns garotos maus de cabelo curto que, se fizessem orientação vocacional, certamente seriam aconselhados a seguir carreira como seguranças de boate ou criminosos. Eles entraram no campo improvisado e andaram até o meio.

Dennis prendeu a respiração.

John cumprimentou o irmão com um aceno de cabeça e não disse nada.

Dennis soltou um suspiro de alívio.

Tinha quase certeza de que o irmão não contara a ninguém que ele tinha comprado uma

revista de moda. Afinal, Darvesh estava jogando futebol com ele, como sempre fazia. Usavam uma bola de tênis velha que Esquisitão, o cachorro de Darvesh, tinha mastigado — bolas de futebol eram proibidas no pátio da escola, para os alunos não quebrarem nenhuma vidraça. Darvesh deu um passe perfeito para Dennis.

Então o menino cabeceou, mas a bola subiu demais, muito além da altura do gol... e quebrou a janela da sala do diretor.

John e os amigos ficaram boquiabertos. O pátio silenciou.

Daria para ouvir um alfinete cair, na improvável eventualidade de alguém deixar um alfinete cair justo naquele momento.

— Ops — disse Darvesh.

— É, ops — concordou Dennis.

Dizer “Ops”, na verdade, era subestimar o ocorrido. O diretor, o Sr. Braveza, odiava crianças. Na verdade, ele odiava todo mundo, provavelmente até a si mesmo. Vestia terno e colete cinza imaculados com uma gravata grafite e óculos de armação escura. Seu cabelo era penteado com esmero e repartido no meio, e ele tinha um bigode preto fininho. Era como se fizesse de tudo para parecer sinistro. E tinha aquela expressão de quem passa a vida inteira de cara feia para os outros.

Uma careta permanente.

— Talvez ele não esteja lá — arriscou Darvesh, esperançoso.

— Talvez — repetiu Dennis, engolindo em seco.

Naquele instante, o rosto do diretor surgiu na janela.

— ALUNOS! — berrou ele. O pátio ficou em silêncio. — Quem chutou esta bola?

Ele segurava a bolinha de tênis na ponta dos dedos com a mesma cara de nojo que donos de cachorro fazem ao catar a caca de seus bichinhos.

Dennis estava apavorado demais para dizer qualquer coisa.

— Eu fiz uma pergunta. QUEM CHUTOU?



Dennis engoliu em seco.

— Eu não a chutei, senhor — arriscou, hesitante. — Eu *cabeceei*.

— Vai ficar de castigo na escola hoje, menino. Às quatro da tarde.

— Obrigado, senhor — falou Dennis, sem saber ao certo o que mais dizer.

— Devido ao seu péssimo comportamento, todos os jogos estão proibidos hoje no pátio — acrescentou o Sr. Braveza antes de desaparecer na sala.

Um gemido de desapontamento ecoou pelo pátio. Dennis odiava quando os professores faziam todos sofrerem para tornar alguém impopular entre os colegas. Era um truque sujo.

— Não se preocupe, Dennis — disse Darvesh. — Todo mundo sabe que o Sr. Braveza é um completo...

— É, eu sei.

Os dois se sentaram nas mochilas, recostados no prédio de ciências, e devoraram seus sanduíches.

Dennis não tinha contado a Darvesh sobre a *Vogue*. Mas queria, sem precisar ser direto, descobrir o que o amigo achava daquilo.



Darvesh era sique. Como estava no mesmo ano que Dennis na escola e só tinha doze anos, ainda não usava turbante. Usava o *patka*, uma espécie de lenço para manter o cabelo longe do rosto. Isso porque os homens sique não podem cortar o cabelo. Havia várias crianças diferentes na escola, mas Darvesh era o único que usava *patka*.

— *Você se sente diferente?* — perguntou Dennis ao amigo.

— *Diferente como?*

— Ah, é só que, sabe, você é o único garoto na escola que tem que usar uma coisa dessas na cabeça.

— Ah, isso. Bem, com minha família eu não me sinto. E quando minha mãe me levou à Índia no Natal, para visitar a vovó, menos ainda. Todos os meninos sique também usavam.

— *Mas e na escola?*

— No início eu me sentia, sim. Ficava meio sem jeito, porque eu sabia que todo mundo me olhava estranho.

— É.

— Mas, depois, acho que as pessoas foram me conhecendo e vendo que eu não era nada diferente. Só uso essa coisa engraçada na cabeça!

Ele riu, e Dennis logo o acompanhou.

— É, você é mesmo meu melhor amigo, Darvesh. Eu nem reparo mais nessa coisa na sua cabeça. Acho até que seria legal usar um desses.

— Não é nada legal. Coça demais! Mas acho que seria um saco se todos fôssemos iguais, não acha?

— Seria sim, com certeza — disse Dennis, sorrindo.

**Só rabiscando**

Dennis nunca tinha ficado de castigo antes e, de certa forma, estava animado por isso. Quando chegou à sala de aula 4C para se apresentar à professora de francês, a Srta. Windsor, percebeu que havia só mais uma pessoa além dele condenada ao cárcere. Era Lisa.

Lisa James.

Simplesmente a garota mais linda da escola.

Ela era também superdescolada e de algum modo sempre fazia o uniforme da escola parecer figurino de um clipe de música pop. Apesar de nunca terem se falado, Dennis tinha uma queda por Lisa.

Não que alguma coisa fosse acontecer entre eles. Ser dois anos mais velha e quinze centímetros mais alta a deixavam literalmente fora de alcance.

— Oi — disse ela.

Lisa tinha uma voz linda, com notas roucas, mas muito suave.

— Ah, oi, hum...

O menino fingiu que não lembrava o nome dela.

— Lisa. Qual o seu nome?

Dennis pensou por um instante em trocar seu nome para um mais legal, como Brad ou Tom, a fim de tentar impressioná-la, mas se deu conta de que era maluquice.

— Dennis.

— Oi, Dennis — disse Lisa. — Por que você está aqui?

— Eu cabeceei uma bola para dentro da sala do Sr. Braveza.

— Legal! — disse Lisa, rindo.

Dennis também riu um pouco. Ela certamente achava que ele havia feito isso de propósito, e ele não tinha a intenção de corrigi-la.

— E você? — perguntou o menino.

— Não estava usando o uniforme “de forma adequada”. Desta vez Braveza disse que minha saia era curta demais.

Dennis baixou os olhos para ver a saia de Lisa. *Era* bem curta.

— Na verdade eu não me importo — prosseguiu ela. — Prefiro vestir o que quero e arriscar ficar de castigo de vez em quando.

— Desculpe — interrompeu a Srta. Windsor —, mas os alunos de castigo estão proibidos de conversar.

A Srta. Windsor era um dos professores legais que não gostavam de dar broncas nos alunos. Normalmente ela dizia “com licença” e “desculpe” antes da bronca. Devia ter uns quarenta e tantos anos. Não usava aliança nem parecia ter filhos. Gostava de exibir certa sofisticação

francesa usando echarpes de seda coloridas nos ombros com naturalidade exagerada e devorando croissants na hora do recreio.

— Desculpe, Srta. Windsor — disse Lisa.

Dennis e Lisa sorriram um para o outro. Dennis voltou a escrever no caderno.

Não devo cabecear bolas na janela do diretor.

Não devo cabecear bolas na janela do diretor.

Não devo cabecear bolas na janela do diretor.

Então observou o que Lisa estava fazendo. Em vez de escrever o que lhe haviam mandado, ela desenhava vestidos despretensiosamente. Um vestido de baile com um grande decote nas costas, que parecia ter saído das páginas da *Vogue*. Ela virou a página e começou a desenhar uma blusa tomara que caía e uma saia lápis. Depois desenhou um macacão longo, branco e esvoaçante com caimento perfeito nos lugares certos. Lisa tinha um talento nato para a moda.

— Com licença, Dennis — disse a Srta. Windsor —, mas você deveria estar concentrado na própria tarefa.

— Desculpe — disse ele.

E voltou ao que estava escrevendo.

Não devo cabecear bolas na janela do diretor.

Não devo cabecear a vogue na janela do diretor.

Não devo ler a vogue na janela do...

Dennis deu um suspiro e apagou as últimas linhas. Estava distraído.

Uns quarenta e cinco minutos depois, a Srta. Windsor olhou ansiosa para o relógio de pulso e se dirigiu aos dois:

— Queridos, vocês se importariam se terminássemos este castigo quinze minutos mais cedo? É que eu queria chegar em casa a tempo de ver o capítulo da novela. O café de Lassiter vai reabrir depois do incêndio terrível que houve por lá.

— Sem problema, Srta. Windsor — disse Lisa com um sorriso. — Não se preocupe. Não vamos contar a ninguém!

— Obrigada — disse a professora, ficando confusa por um instante ao ver que os papéis tinham se invertido e que Dennis e Lisa é que a estavam dispensando.

— Quer me acompanhar até em casa, Dennis? — perguntou Lisa.

— O quê? — disse Dennis, em pânico.

— Perguntei: “Quer me acompanhar até em casa?”

— Hã... é, tudo bem — disse Dennis, tentando parecer descolado.

Dennis se sentiu como uma celebridade ao caminhar com Lisa pela rua. Andava devagar,

para ficar ao lado dela o máximo de tempo possível.

— Não consegui deixar de ver seus desenhos. Os modelos de vestido. São brilhantes — disse Dennis.

— Ah, obrigada. Não eram nada de mais, eu só estava rabiscando.

— E eu acho você linda.

— Obrigada — respondeu Lisa, tentando não rir.

— Quer dizer, seu jeito de *se vestir* — corrigiu-se Dennis. — Acho lindo o jeito como você se veste.

— Obrigada — disse ela, sorrindo.

Lisa tinha um sorriso tão incrivelmente maravilhoso que Dennis mal conseguia encará-la. Em vez disso, olhou para seus sapatos: eram de bico redondo.



— Sapatos bonitos — elogiou ele.

— Ah, que legal que você reparou.

— Parece que este ano sapatos de bico redondo estão em alta. Os de bico fino estão fora de moda.

— Onde você leu isso?

— Na *Vogue*. Quer dizer...

— Você lê a *Vogue*?

Dennis ficou mudo. O que é que ele tinha dito? A empolgação de estar com Lisa deixara sua língua totalmente solta.

— Hã... não... é... bem, sim, uma vez.

— Eu acho isso muito legal.

— Você *acha*? — perguntou Dennis, desconfiado.

— É. Pouquíssimos meninos se interessam por moda.

— Acho que sim...

Ele não sabia se tinha *interesse* por moda ou se apenas gostava de ver fotos de vestidos bonitos, mas preferiu não comentar.

— Você tem um estilista favorito? — perguntou Lisa.

Dennis não sabia se tinha, mas se lembrava de ter gostado muito de um dos vestidos da revista, um longo, de gala, em tom creme, desenhado por John Gally não sei o quê.

— John Gally não sei o quê.

— John Galliano? Ah, ele é maravilhoso. Uma lenda. Ele também desenhava todas as peças da Dior.

Dennis adorou ouvi-la dizer “peças”. Essa era a palavra que usavam na *Vogue* para as roupas.

— Bem, chegamos à minha casa. Obrigada, Dennis. Tchau. — O menino ficou um pouco triste por terem chegado. Ela estava a caminho da porta quando se virou e disse: — Se quiser, pode passar aqui no fim de semana. Tenho um monte de revistas de moda maravilhosas que podia mostrar a você. Quero muito ser estilista ou produtora de moda ou algo assim quando crescer.

— Bem, você é *muito* estilosa — disse Dennis.

Ele disse isso com absoluta sinceridade, mas de algum modo pareceu meloso.

— Obrigada.

Ela sabia que era.

*Todo mundo* sabia.

— Amanhã é sábado. Que tal às onze?

— Hã... tudo bem — concordou Dennis.

Como se algum evento em seu passado ou futuro pudesse impedi-lo de estar na casa dela às onze.

— Então até amanhã — disse Lisa com um sorriso e entrou em casa.

Naquele instante, o mundo de Dennis voltou ao normal, como quando as luzes se acendem no cinema ao final do filme.

## A eternidade e mais um pouco

Às 10h59, Dennis já estava diante da casa de Lisa. Ela tinha dito onze horas, e ele não queria parecer ansioso demais. Então esperou o relógio contar os segundos até dar onze horas.

54.

55.

56.

57.

58.

59.

00.

Ele tocou a campainha. O som distante da voz de Lisa veio do topo da escada, e sua imagem borrada através do vidro da porta foi o bastante para fazer o coração do menino acelerar.

— E aí? — cumprimentou ela com um sorriso.

— E aí? — respondeu Dennis.

Ele nunca dissera “e aí” para outra pessoa antes, mas queria ser como Lisa.

— Entre. — Ele entrou na casa atrás dela. Era muito parecida com aquela em que morava, mas a dele era sombria enquanto a de Lisa era cheia de luz e cores. Havia quadros e retratos de família pendurados aleatoriamente nas paredes. O corredor estava tomado pelo aroma de bolo recém-saído do forno. — Quer beber alguma coisa?

— Uma taça de vinho branco, talvez? — disse Dennis, tentando agir como se tivesse o triplo de sua idade.

Lisa pareceu achar engraçado.

— Eu não tenho vinho. Pode ser outra coisa?

— Suco?

Lisa ergueu as sobrancelhas.

— Acho que isso nós temos.

Ela encontrou uma caixa de suco e serviu dois copos. Depois os dois subiram para o quarto dela.

Dennis o adorou imediatamente. Na verdade, quase desejava que fosse seu próprio quarto. Lisa tinha fotos de revistas de moda por todas as paredes, fotos estilosas de mulheres lindas em locações glamourosas. Na estante, viam-se livros sobre moda ou atrizes famosas como Audrey Hepburn e Marilyn Monroe. Em um canto havia uma máquina de costura, e, ao lado da cama, uma pilha de revistas *Vogue*.

— Estou colecionando — disse ela. — Também tenho uma edição italiana. É difícil achar aqui, mas é maravilhosa. A melhor *Vogue* é a italiana. E como é pesada! Quer dar uma olhada?

— Eu adoraria.

Ele não tinha ideia de que havia *Vogues* diferentes em outros lugares do mundo.



Eles sentaram juntos na cama e foram virando as páginas lentamente. A primeira foto era colorida, mas só tinha vestidos pretos ou brancos, ou uma combinação dos dois.

— Uau, esse vestido é maravilhoso — disse Dennis.

— Chanel. Deve ser muito caro, mas é lindo.

— Adorei os paetês.

— E aquela fenda na lateral — comentou Lisa e passou os dedos de modo desejoso pela página.

Eles levavam o que parecia a eternidade e mais um pouco em cada página, discutindo cada detalhe de cada vestido. Quando chegaram ao fim, sentiam como se fossem amigos desde sempre.

Lisa pegou outra revista para mostrar a ele uma de suas fotos favoritas, ou “editoriais”, como ela os chamava. Era de uma *Vogue* britânica antiga; mostrava várias modelos com perucas e

vestidos metálicos. Parecia uma cena de um filme de ficção científica antigo. Dennis adorou a extravagância daquelas fantasias, muito diferentes da realidade cinza e fria de sua própria vida.

— Você ficaria incrível naquele vestido dourado — comentou Dennis, apontando para uma modelo cujo tom de cabelo era parecido com o de Lisa.

— Qualquer um ficaria. É um vestido fantástico. Eu nunca poderia comprar nenhum deles, mas gosto de ver as fotos e ter ideias para meus próprios desenhos. Quer ver?

— Claro! — respondeu Dennis, empolgadíssimo.

Lisa pegou uma pasta grande na estante. Estava cheia de desenhos maravilhosos que ela fizera de saias, blusas, vestidos e chapéus. Ao lado de cada um, a menina tinha prendido tiras de tecido brilhante, fotos recortadas de figurinos de cinema e até botões.

Dennis fez com que Lisa parasse de virar as páginas em um desenho especialmente bonito de um vestido laranja com paetês.

— Este é *lindo* — disse ele.

— Obrigada! Eu fiquei muito satisfeita com este. É o que estou costurando agora.

— Sério? Posso ver?

— É claro.

Ela pegou no armário o vestido semiacabado.

— Consegui o tecido por um preço ótimo. Comprei em uma feirinha aqui perto — disse ela.

— Mas acho que vai ficar muito bom. É um pouco anos 1970, eu acho. Muito glamouroso.

Ela ergueu o vestido no cabide. Apesar de ainda estar sem acabamento no corte e de ter vários fios soltos, era coberto de centenas de paetês e reluzia naturalmente ao sol da manhã.

— É lindo — comentou Dennis.

— Ia ficar ótimo em você! — disse Lisa.

Ela riu e segurou o vestido junto ao corpo de Dennis. Ele também riu, depois olhou para si mesmo e se permitiu, por um momento, imaginar como ficaria se o vestisse, mas logo afastou esse pensamento bobo.

— É mesmo lindo — disse ele. — Que injusto! Sabe, roupas de garotos são muito sem graça.

— Bem, eu odeio essas regras chatas que dizem o que as pessoas devem ou não vestir. Com certeza todo mundo devia poder usar o que tivesse vontade, não?

— É, acho que sim — disse Dennis.

Na verdade, ele nunca tinha sido encorajado a pensar sobre isso antes. Ela estava certa. Qual era o problema em se vestir como quisesse?

— Por que não experimenta? — sugeriu Lisa, com um sorriso brincalhão.

Houve um momento de silêncio.

— Talvez seja uma ideia meio maluca — disse ela, recuando após perceber o desconforto de Dennis. — Mas vestidos podem mesmo ser lindos, e se vestir bem é bem divertido. Adoro usar vestidos bonitos. Aposto que alguns garotos também gostariam. Não é nada de mais...

O coração de Dennis batia acelerado. Ele queria dizer “sim”, mas não conseguia. Apenas não conseguia. Aquilo já era um pouco demais...

— Eu preciso ir — disse ele repentinamente.

— SÉRIO?

Lisa parecia desapontada.

— É. Sinto muito, Lisa.

— Bem, você vem me visitar de novo? Hoje foi muito divertido. A próxima edição da *Vogue* sai semana que vem. Por que não passa aqui no próximo sábado?

— Não sei... — disse Dennis, saindo às pressas da casa dela. — Mas obrigado mais uma vez pelo suco.

**Cada vez mais claro**

— Feliz aniversário, pai! — exclamaram Dennis e John, animados.

— Não gosto de aniversários.

Dennis ficou desapontado. O domingo era sempre um dia horrível. Ele sabia que um monte de famílias estavam sentadas à mesa para a tradicional carne assada de domingo, e isso só o fazia pensar na mãe. Quando um dia o pai tentou preparar a refeição para os filhos, só o que conseguiu foi agravar o sofrimento deles. Suas mentes sabiam que alguém que amavam não estava presente.

E, no fim das contas, ele *não* sabia cozinhar.

Mas aquele domingo estava ainda pior que o normal. Era aniversário do pai de Dennis, e o homem estava determinado a não comemorar.

Dennis e o irmão esperaram a tarde inteira para desejar feliz aniversário ao pai. Ele saía para trabalhar muito cedo naquele dia; agora eram sete da noite e tinha acabado de chegar. Os garotos desceram até a cozinha para surpreendê-lo. O pai estava sentado sozinho, com a mesma camisa xadrez vermelha de sempre. Segurava uma lata de cerveja barata e um saco de batatinhas.

— Por que não vão bater uma bola, garotos? Eu queria ficar sozinho.

O cartão e o bolo que Dennis e John estavam escondendo pareceram evaporar em suas mãos ao ouvirem as palavras do pai.

— Sinto muito, meninos — disse ele ao vê-los chateados. — É só que eu não tenho muito o que comemorar, não é mesmo?

— Nós compramos um cartão, pai, e um bolo — tentou John, estendendo ambos.

— Obrigado.

Ele abriu o cartão. Era da banca de Raj. Tinha uma ilustração de um urso sorridente que usava óculos de sol e bermudas sem qualquer motivo aparente. Dennis o escolheu porque tinha os dizeres “Feliz aniversário para o Melhor Pai do Mundo”.



— Obrigado, garotos — disse o pai, ainda olhando para o cartão. — Mas eu não mereço. Não sou o melhor pai do mundo.

— É sim! — exclamou Dennis.

— Pelo menos *nós* achamos que é — acrescentou John, um tanto hesitante.

O pai tornou a olhar para o cartão. Dennis e John achavam que ele ficaria feliz, mas o efeito parecia estar sendo o contrário.

— Sinto muito, garotos. Aniversários são datas difíceis para mim desde que a mãe de vocês foi embora.

— Nós sabemos, pai — disse Dennis.

John assentiu com a cabeça e tentou dar um sorriso.

— Dennis fez um gol hoje. Pelo time da escola — comentou John, tentando mudar para um assunto mais alegre.

— É mesmo, filho?

— Sim — confirmou Dennis. — Hoje foi a semifinal, e ganhamos por dois a um. Eu marquei um, e Darvesh fez o outro. Estamos na final.

— Ora, isso é ótimo — disse o pai, mas parecia distraído. Ele tomou mais um gole de cerveja. — Sinto muito. Eu preciso ficar um pouco sozinho.

— Tudo bem — disse John e, com um gesto de cabeça, indicou a Dennis que saíssem.

Dennis tocou o ombro do pai rapidamente antes de deixar a cozinha. Eles tinham tentado. Mas aniversários, Natais, férias e até viagens à praia... aos poucos todas essas coisas haviam desaparecido. A mãe era quem sempre organizava tais eventos, que agora pareciam fazer parte de outra vida. Aquela casa estava se tornando um lugar muito frio e deprimente.

— Quero um abraço — disse Dennis.

— Não vou abraçar você — retrucou John.

— Por que não?

— Sou seu irmão. Não vou abraçar você. É esquisito. Além do mais, tenho que sair. Eu disse ao pessoal que ia encontrar com eles perto da loja de bebidas.

Dennis também precisava sair.

— Então eu vou na casa do Darvesh. Até mais tarde.

Enquanto atravessava o parque, ele se sentiu mal por abandonar o pai sozinho na cozinha. Queria poder deixá-lo feliz.

— O que aconteceu? — perguntou Darvesh enquanto assistiam a vídeos na internet, no quarto dele.

— Nada — respondeu o menino, de forma não muito convincente.

Ele não sabia mentir; se bem que mentir não é uma coisa legal. Eu mesmo nunca contei uma única mentira.

Tirando isso que acabei de escrever.

— Você parece, tipo, muito distraído.

Dennis *estava* distraído. Além de só pensar no pai, não conseguia tirar da cabeça aquele vestido laranja de paetês.

— Desculpe. Darvesh, você seria meu amigo em qualquer situação, não seria?

— É claro.

— Meninos! Querem beber um Lucozade geladinho? — gritou a mãe de Darvesh do quarto ao lado.

— Não, obrigado, mãe! — gritou ele de volta, suspirando alto.

Dennis apenas sorriu.

— Isso dá muita energia! Vocês vão ter mais fôlego para a final! — Veio a resposta

insistente.

— Está bem, mãe. Talvez mais tarde!

— Bons garotos! Não me deixar muito orgulhosa se ganharem. Mas saibam que vou ficar orgulhosa de qualquer jeito.

— Sei, sei... — disse Darvesh. — Ela é tão inconveniente...

— É só porque ela ama você.

Darvesh ficou um instante em silêncio, então Dennis mudou de assunto:

— Posso experimentar esse negócio que você usa na cabeça?

— Meu *patka*?

— É, o seu *patka*.

— Claro, já que você quer... Eu tenho um extra aqui, acho — disse Darvesh, remexendo a gaveta e tirando de lá outro gorro.

Ele o entregou ao amigo, que o pôs com cuidado na cabeça.

— Como ficou? — perguntou Dennis.

— Com cara de idiota!

Os dois riram alto. Então Darvesh pensou por um instante.

— Quer dizer, isso não faz de você um sique, não é mesmo? Em você, é só um gorro. Só um negócio na sua cabeça, não é?

\* \* \*

Ao voltar para casa, Dennis se sentia um pouco melhor. Tinha até conseguido rir de uns vídeos idiotas que ele e Darvesh haviam encontrado na internet, principalmente o de um gato que colocava o traseiro no rosto de um bebê.

Ao entrar em casa, porém, ele viu que o pai ainda estava sentado na cozinha, na mesma posição em que o haviam deixado. Ele tinha outra lata de cerveja na mão, mas as batatas chips ainda eram as mesmas, só que agora moles e frias.

— Oi, pai — disse Dennis, tentando parecer feliz em vê-lo.

O homem ergueu os olhos por um instante e deu um suspiro profundo.

John já tinha ido para cama. Quando Dennis entrou no quarto, o irmão nem se deu o trabalho de cumprimentá-lo. Ficaram os dois ali deitados em um silêncio ensurdecedor. Não havia nada a ser dito. Dennis não conseguia dormir de jeito nenhum. Passou a noite inteira observando o quarto ficar cada vez mais claro.

Só uma coisa o impedia de sufocar: pensar em Lisa, no mundo que ela abria para ele e naquele vestido laranja de paetês, cintilante e reluzente à luz do sol...

**Deitado no carpete com Lisa**

Lisa estendeu o vestido laranja de paetês.

— Terminei! — anunciou ela.

Era o sábado seguinte, e estavam novamente no quarto da menina. Ela e Dennis tinham visto atentamente todas as páginas da nova edição da *Vogue*, até que Lisa o pegou de surpresa.

O vestido era perfeito.

— É a coisa mais linda que eu já vi — disse Dennis.

— Nossa, obrigada, Dennis! — Lisa deu um risinho, um pouco envergonhada pelo tamanho do elogio. — Na verdade, é para você. Um presente.

— Para *mim*?

— É. Você gostou tanto que merece ficar com ele.

— Eu não poderia...

— Poderia sim.

Ela ofereceu o vestido a ele.



— Hum, obrigado, Lisa — disse Dennis, pegando-o das mãos dela.

Era mais pesado do que ele imaginava, e os paetês tinham uma textura diferente de tudo o que ele já havia sentido. Era uma obra de arte. Simplesmente o melhor presente que Dennis já havia ganhado. Mas onde iria guardá-lo? Não podia simplesmente pendurá-lo ao lado de sua capa de chuva no armário que dividia com o irmão.

O que *fazer*?

— Por que não experimenta? — sugeriu Lisa.

O estômago do menino se revirou de ansiedade. Sentiu-se como um novo companheiro do Dr. Who ao entrar na TARDIS pela primeira vez. Aquilo sim seria diferente.

— Vai ser divertido — disse Lisa.

Dennis olhou para o vestido. *Seria* divertido experimentá-lo.

— Bem... se você está dizendo...

— Estou dizendo, vista!

Dennis respirou fundo.

— Mas só por um minuto — disse ele.

— Eba!

Dennis começou a tirar a roupa até que de repente se sentiu muito envergonhado.

— Não se preocupe. Não vou olhar — disse Lisa, fechando os olhos.

Dennis ficou só de meias e calça. Aí colocou as pernas no vestido e o puxou até os ombros.

Era uma sensação diferente da de usar suas roupas normais de menino. A sensação do tecido tocando sua pele não era nada familiar: muito sedoso e macio. Ele tentou fechar o zíper nas costas.

— Não sei se consigo...

— Deixe que eu ajudo — disse a especialista, abrindo os olhos. — Vire de costas. — Ela subiu o zíper nas costas dele. — Ficou maravilhoso. Qual a sensação?

— Boa. A sensação é muito boa. — Na verdade, a sensação era mais que boa. Era maravilhosa. — Posso me ver no espelho?



— Ainda não. Primeiro temos que encontrar os sapatos certos! — Lisa pegou um lindo par de sandálias douradas de salto alto com as solas pintadas de vermelho. — Comprei em um brechó. São do Christian Louboutin, mas a velha na loja só me cobrou duas libras por eles!

Dennis se perguntou se Christian Louboutin não estaria precisando dos sapatos.

Ele se abaixou para calçá-los.

— É melhor tirar as meias — disse Lisa, olhando para as surradas meias cinza dele. O dedão de Dennis se projetava de um buraco bem grande.

Aquilo *realmente* estava estragando o look

— Ah, sim, é claro — disse Dennis.

Ele arrancou as meias e enfiou os pés nas sandálias estreitas. Os saltos eram muito altos, e por um instante ele sentiu que iria tropeçar e cair. Lisa segurou sua mão para ajudá-lo a se equilibrar.

— *Agora* eu posso me olhar no espelho? — perguntou ele.

— Mas você ainda não botou nenhuma maquiagem.

— Não, Lisa, não!

— Você tem que fazer isso direito, Dennis. — Lisa apanhou sua bolsinha de maquiagem. — É tão divertido! Eu sempre quis uma irmã mais nova. Agora, faça assim com a boca.

Ela fez um biquinho, e ele a imitou. Lisa passou o batom suavemente pelos lábios dele. Era uma sensação estranha. Boa, mas estranha. Ele não sabia como era o gosto de um batom: oleoso e grudento.

— Sombra?



— Não, eu não quero mais... — protestou Dennis.

— Só um pouquinho!

Ele fechou os olhos enquanto ela aplicava de leve um pouco de sombra prateada com um pincelzinho.

— Está ficando ótimo, Dennis — disse ela. — Ou eu deveria dizer Denise?

— Foi assim que meu irmão me chamou quando soube da revista.

— Bem, imagino que esse seja seu nome de menina. Seu *nome* é Dennis, mas, se fosse menina, seria Denise.

— Posso me olhar no espelho?

Sem dizer uma palavra, Lisa ajustou o vestido no menino antes de conduzi-lo até o espelho na parede do quarto. Dennis ficou olhando fixamente para si mesmo. Por um instante se chocou com o que viu. Depois do choque, porém, ficou maravilhado e riu. Sentia-se tão alegre que tinha

vontade de dançar. Às vezes um sentimento é tão profundo que palavras não são suficientes para descrevê-lo. Ele começou a se mover diante do espelho. Lisa o acompanhou, cantarolando uma música inventada.

Por um instante, os dois permaneceram em seu pequeno musical, até caírem rindo no chão.

— Eu acho que você gostou, hein? — disse Lisa, ainda rindo.

— É... só que é um pouco...

— Estranho?

— É. Um pouco estranho.

— Mas você ficou ótimo.

— É mesmo?

Dennis estava gostando muito de ficar ali deitado no carpete com Lisa, mas se sentiu envergonhado, por isso se levantou e parou em frente ao espelho outra vez. A menina foi atrás dele.

— É, você ficou mesmo incrível — disse ela. — Sabe de uma coisa?

— O quê?

Ele estava ansioso e morrendo de curiosidade.

— Acho que você podia enganar todo mundo vestido assim. Ficou igualzinho a uma menina.

— É mesmo? Tem certeza?

Dennis tornou a se olhar no espelho, dessa vez com mais atenção e desconfiança. Tentou imaginar que estava olhando para um estranho.

Ele lembrava *mesmo* uma menina...

— Claro — afirmou Lisa. — Tenho certeza. Você está maravilhoso. Quer experimentar alguma outra roupa?

— Não sei se devo — disse Dennis, muito sem graça. — Alguém pode aparecer.

— Minha mãe e meu pai foram à loja de jardinagem. Aquilo é tão chato, mas eles adoram! Pode confiar em mim: eles vão demorar horas para voltar.

— Bem, então posso usar este? — perguntou Dennis, exibindo um vestido longo roxo que Lisa tinha copiado de um modelo usado por Kylie em alguma festa de premiação.

— Boa escolha!

Depois ele experimentou um vestido vermelho e curto que a mãe de Lisa lhe comprara para usar em um casamento, depois uma saia balonê amarela dos anos 1980 que a garota ganhara da tia e um vestido estilo marinheiro, de listras, que ela encontrara em um brechó beneficente.

Naquela tarde, Dennis acabou experimentando o guarda-roupa inteiro de Lisa. Sapatos dourados, prateados, vermelhos e verdes, botas, bolsas grandes e pequenas, carteiras, blusas, saias longas e esvoaçantes, minissaias, brincos, pulseiras, enfeites de cabelo, asas de fada e até uma tiara!

— Não é justo — lamentou Dennis. — As garotas ficam com as melhores coisas!

— Aqui essas regras não se aplicam — disse Lisa, rindo. — Dennis, você pode ser quem você quiser!





## Bonjour, Denise

Na manhã seguinte, embora permanecesse deitado na cama, Dennis se sentia como se estivesse em uma montanha-russa. Sua mente estava acelerada. Depois de ter se arrumado daquele jeito, parecia que ele não precisava mais ser um menino chato vivendo sua vidinha chata. *Posso sem quem eu quiser!*, pensou.

Foi tomar banho. O banheiro era verde-escuro como a casca de um abacate. Dennis nunca entendeu por que os pais tinham escolhido uma cor tão horrível. Se tivesse sido consultado, instalaria uma banheira branca de estilo antigo e a complementar com um piso de lajotas pretas e brancas. Mas, como ele era criança, nunca pediram sua opinião.

Para usar o chuveiro, era necessária a precisão de um arrombador de cofres. Quando se virava a torneira um milímetro para a esquerda ou para a direita, a água passava de congelante a fervente. Dennis posicionou a torneira no ponto exato para a água não ficar gelo puro nem matá-lo escaldado e despejou um pouco de sabonete líquido na mão. Era o que fazia todas as manhãs. Era parte da rotina massacrante de sua vida. Apesar disso, o mundo fervilhava de possibilidades.

Lá embaixo, na cozinha, John comia sua torrada com Nutella diante da tevê.

— Papai já foi? — perguntou Dennis.

— Já. Vi quando ele saiu, às quatro da manhã. O caminhão não acordou você?

— Não. Acho que não.

— Ele disse que precisava acordar cedo para levar a Doncaster um carregamento de ração para gatos.

A vida de caminhoneiro do pai não era tão glamourosa quanto parecia, pensou Dennis.

E ela nem parecia tão glamourosa assim.

Dennis pegou um pouco de cereal. Quando estava erguendo a primeira colherada, a campainha tocou. Era um toque de quem aperta a campainha com confiança: demorado e forte.

PPPPPEÉÉÉÉMMMMMMMM!

Dennis e John ficaram tão curiosos para saber quem estaria à porta em uma manhã de domingo que os dois correram para abri-la. O carteiro não passava por ali aos domingos, aliás já não passava mais pela manhã dia nenhum, preferindo fazer seu percurso em alguma hora aleatória da tarde.

Não era o carteiro.

Era Lisa.

— Oi — disse ela.

— Hum... — disse John, de repente incapaz de formar frases.

Dennis sabia como o irmão era louco por Lisa. Ele olhava para ela o tempo todo na escola. Mas *todo mundo* era louco por Lisa. Ela era tão maravilhosa que até o coração dos esquilos devia

saltar pela boca quando ela passava.

— Hum, o que você quer? — perguntou John, todo sem jeito; parecia ter entrado em curto-circuito, próximo como estava da beleza.

— Vim visitar Dennis.

— Ah.

John se virou para o irmão com um olhar de sofrimento e injustiça, como um cachorro prestes a ser sacrificado.

— Entre — disse Dennis, adorando ver o irmão nervoso. — Eu estava tomando café da manhã.

Dennis a conduziu até a cozinha. Eles se sentaram.

— Ah, eu adoro *Hollyoaks* — comentou Lisa, apontando para a tevê.

— É, eu também — disse Dennis.

John lhe lançou um olhar acusador: *Seu mentiroso sem vergonha. Você nunca demonstrou nenhum interesse por essa série idiota.*



Dennis o ignorou.

— Quer comer alguma coisa? — ofereceu ele.

— Não, obrigada. Mas eu adoraria um chá.

— Beleza — disse Dennis e foi colocar água na chaleira.

John lhe lançou outro olhar. Esse dizia claramente: *Você nunca diz “beleza”. Estou com tanta raiva que vou arrancar sua cabeça e usá-la como bola de futebol.*

— Foi divertido ontem — disse Lisa.

— S-sim — concordou Dennis, meio hesitante, sem querer fornecer muita informação na frente do irmão. — Eu me diverti à beça... — Ele sabia que estava deixando o irmão louco de ciúmes, por isso acrescentou: — ... com você.

— **ESTÁ NA HORA DE IRMOS AO PARQUE JOGAR FUTEBOL** — disse John, tentando botar ênfase em cada palavra para soar autoritário, mas só conseguiu parecer irritado.

— Vá na frente. Vou ficar um pouco aqui, batendo papo com Lisa.

Dennis olhou para John e sorriu. Lisa sorriu também.

E os dois o espantaram dali com seus sorrisos.

Lisa e Dennis ouviram a porta da entrada bater. Ela riu, divertindo-se com aquela trama.

— E então, como está se sentindo hoje? — perguntou ela.

— Bem... eu me sinto... ótimo!

— Eu tive uma ideia — disse Lisa. — Uma ideia maluca, mas...

— Conte logo.

— Bem, lembra quando eu disse que você podia enganar todo mundo se passando por uma menina?

— Lembro... — disse Dennis, nervoso.

— Bem, alguns garotos da escola acabaram de receber uns estudantes de intercâmbio franceses para morar com eles...

— E daí?

— Daí que pensei... eu sei que é maluquice, mas... pensei que eu podia vesti-lo de menina, levá-lo até a banca do Raj e dizer que você é minha amiga francesa ou algo do tipo. Você não precisaria falar muito, já que, sabe como é, você seria francesa!

— Não!

Dennis sentiu a adrenalina e o medo de alguém que acabou de ser escolhido para matar um presidente.

— Vai ser divertido.

— Nem pensar.

— Mas imagine como seria maravilhoso! Fazer todo mundo achar que você é uma menina.

— É loucura! Eu vou à banca do Raj todo dia. Com certeza ele vai perceber que sou eu.

— Aposto que não. Eu tenho uma peruca que minha mãe comprou para uma festa chique. Eu podia maquiá-lo um pouco, que nem ontem. Ia ser tão divertido... vamos fazer isso hoje!

— Hoje?

— Isso. Como é domingo, deve ter menos gente por lá. Eu trouxe um vestido comigo, porque estava torcendo para você dizer sim.

— Não sei, Lisa. Tenho muito trabalho de casa para fazer.

— Também trouxe uma bolsa para você...

\* \* \*

Dez minutos depois, Dennis se olhou no espelho do corredor. Estava usando um vestido azul-royal curto e segurando uma bolsa prateada. Era um vestido de festa, na verdade, não algo para se usar em uma manhã de domingo e ir comprar umas revistas.

Muito menos por um menino de doze anos.

Mas ter toda a atenção de Lisa, vê-la passar maquiagem em seu rosto, ajudá-lo a calçar os sapatos prateados de salto alto para combinar e pentear sua peruca foi tão divertido que ele nem reclamou.

— Será que Raj vai acreditar que sou sua amiga da França? — perguntou ele.

— Você está maravilhoso. E o mais importante é ter confiança. Se você acreditar, todo mundo também vai.

— Pode ser...

— Vamos lá, quero vê-lo andando.

Dennis foi de uma ponta à outra do corredor fazendo sua melhor imitação de modelo na passarela.

— Hum... parece o Bambi dando os primeiros passos — disse Lisa com uma risada.

— Muito obrigado.

— É brincadeira, me desculpe. Olhe, você tem que ficar bem reto em saltos como esses.

Dennis copiou a postura de Lisa e imediatamente se sentiu mais confiante com os sapatos prateados.

— Acho que estou gostando muito disso — disse ele.

— Claro, é uma sensação boa ficar alguns centímetros mais alto. E deixa suas pernas lindas.

— Denise também é um nome francês? — perguntou ele.

— Qualquer coisa que você disser com sotaque francês vai parecer francês.

— De-niizz — tentou Dennis, rindo. — Bonjour, je m'appelle De-niizz.

— Bonjour, Denise. Vous êtes très belle — disse Lisa.

— Merci beaucoup, mademoiselle Lisa.

Os dois riram.

— Pronto?

— Pronto para...?

— Sair!

— Não, claro que não.

— Mas...

— Mas eu vou assim mesmo!

Os dois riram de novo. Lisa abriu a porta, e Dennis saiu da casa para a luz do sol.

**Biscoitos sabor cebola  
em conserva**

No início Lisa foi segurando a mão de Dennis para ajudá-lo a se equilibrar. Após alguns passos, no entanto, ele começou a firmar um pouco os pés, caminhando com mais facilidade.

É preciso algum tempo para se acostumar a andar de salto alto. Não que eu saiba disso, leitor. Só ouvi falar.

Logo chegaram à banca de Raj. Lisa apertou a mão de Dennis para tranquilizá-lo. Ele respirou fundo. Entraram.

— Muito bom dia, Srta. Lisa — disse Raj com um sorriso largo. — Recebi a nova *Vogue* italiana para você. Minha nossa, como é pesada! Parece um tijolo! Encomendei especialmente para a senhorita.

— Uau, muito obrigada, Raj — disse Lisa.

— E quem é sua amiga?

— É uma estudante francesa de intercâmbio. Ela se chama Denise.

Raj examinou Dennis por um instante. Será que eles iam conseguir enganá-lo? O menino estava com a boca seca de tanto nervoso.

— Ah, olá, Denise, bem-vinda à minha banca — disse Raj. Lisa e Dennis sorriram um para o outro. Dennis estava tão bem como Denise que Raj não desconfiou de nada. — Esta é a melhor banca em toda a Inglaterra! Compre logo todos os cartões-postais para seus pais e amigos!

Raj foi logo pegando um pacote de cartões brancos.

— Estão em branco, Raj — disse Lisa.

— É, vocês vão ter que desenhar as paisagens de Londres. Eu tenho em estoque uma seleção única de canetinhas. Então, você veio da França?

— Isso — respondeu Lisa.

— Oui — acrescentou Dennis um pouco receoso.

— Eu sempre tive vontade de conhecer a França — disse Raj. — Fica na França, não?

Lisa e Dennis trocaram um olhar de confusão.

— Bem, se houver algo que eu possa fazer enquanto estiver na Inglaterra, senhorita... perdão, mas qual é mesmo seu nome?



THINGS

— De-niizz — respondeu Dennis.

— Que sotaque bonito você tem, Srta. Denise.

— Merci.

— O que ela disse? — perguntou Raj.

— “Obrigada” — explicou Lisa.

— Ah! Merci, merci — repetiu o jornalista, extasiado com sua descoberta. — Agora sei falar francês! Se houver algo que eu possa fazer, por favor, me digam. Agora, Lisa, antes de ir embora, queria mostrar a vocês as ofertas especiais de hoje.

Lisa e Dennis reviraram os olhos ao mesmo tempo.

— Nove Kinder Ovos pelo preço de oito.

— Não, obrigada — disse Lisa.

— Non, merci — completou Dennis um pouco mais confiante.

— Tenho uns pacotes excelentes de biscoitos sabor cebola em conserva que venceram há bem pouco tempo. Quinze sacos pelo preço de treze. São uma iguaria britânica. Sua amiga francesa deve querer provar e depois, quem sabe, não leva uma caixa para casa, para sua família?

— Vou levar só a *Vogue* italiana, Raj — disse Lisa, botando o dinheiro no balcão. — Tchau.

— Au revoir — acrescentou Dennis.

— Até logo, senhoritas, espero que voltem em breve.

Os dois deixaram a banca empolgados e subiram a rua com a pesada revista entre eles. Raj também saiu de lá, sacudindo uma caixa de biscoitos e gritando:

— Você sabe mesmo pechinchar, Lisa! Vou incluir na oferta uma caixa de biscoitos sabor rosbife totalmente grátis!

A voz de Raj ecoava pela rua enquanto Dennis e Lisa corriam, quase sem fôlego de tão animados que estavam.

**Estes saltos estão me matando**

— Você conseguiu! — exclamou Lisa quando se sentaram em um muro para recuperar o fôlego.

— Ele achou mesmo que eu fosse uma menina! — exclamou Dennis. — Nunca me diverti tanto em... toda a minha vida!

— Então vamos passear no centro da cidade. Lá deve ter um montão de gente.

— Eu ia adorar, Lisa, mas estes saltos estão me matando!

— Não é fácil ser mulher, né?

— Não mesmo. Eu não tinha ideia de que seus sapatos pudessem machucar tanto. Como você consegue usar isto? — Ele tirou os sapatos e massageou os pés. Pareciam ter sido apertados em um torno. — Vamos voltar para casa, Lisa. Preciso me trocar e encontrar com John no parque. Ele deve estar se perguntando onde foi que eu me meti.

— Ah! — Lisa não conseguiu esconder a decepção. — Desmancha-prazeres.

— Bom dia, Lisa!

Era Mac, um garoto da turma dela. Ele fizera um tremendo esforço subindo a rua para alcançá-los. Por ser um dos garotos mais gordos da escola, Mac tinha que suportar a atenção indesejada que isso significava. Ele havia passado na banca de Raj, como fazia todos os dias, e carregava um saco de guloseimas.

— Ah, oi — disse Lisa, animada, e sussurrou para Dennis: — Não se preocupe. É só não abrir a boca. — Voltando a seu tom de voz normal, ela continuou: — E então, Mac, tem alguma coisa gostosa aí?

Ao contrário da maioria das crianças da escola, Lisa chamava Mac pelo nome, em vez de usar seu apelido, “Big Mac com fritas”. Às vezes as crianças são cruéis sem querer, com a mesma facilidade com que se transmite um resfriado, mas Lisa era diferente.

— Ah, é só meu café da manhã, Lisa. Uns saquinho de chocolate Maltesers, um Toblerone, uma barrinha de cereal, jujubas, batatinhas chips, sete sacos de biscoitos de cebola em conserva, o Raj estava com uma promoção ótima, uma caixa de Creme Eggs e uma Coca diet.



— Coca *diet*? — perguntou Lisa.

— É. Estou tentando emagrecer um pouquinho — disse Mac, sem ironia.

— Bem, boa sorte — disse Lisa, *quase* sem ironia. — Você sabe que não seria legal se todo mundo fosse magro, né?

— Talvez. Quem é essa sua amiga adorável? — perguntou ele com um sorriso, jogando um Creme Egg inteiro na boca.

— Ah, é minha amiga de intercâmbio francesa, Denise. Ela vai ficar um tempo lá em casa.

Dennis abriu um sorriso hesitante para Mac, que olhou fixamente para ele sem parar de mastigar. Demorou um bom tempo até que ele tivesse mastigado o bastante o chocolate para conseguir voltar a falar.

— Bonjour, Denise — balbuciou ele, a boca ainda cheia de chocolate.

— Bonjour, Mac — respondeu Dennis, rezando para que a conversa não passasse das poucas palavras em francês que conhecia.

— Parlez-vous anglais? — perguntou Mac.

— Oui, quer dizer, um pouco — disse Dennis, sem jeito.

— Uma vez um estudante francês ficou hospedado lá em casa. Ele se chamava Hervé. Um cara legal. Mas fedia um pouco. Não tomava banho, por isso no fim tivemos que lavá-lo com a mangueira do jardim. — Ele ainda estava mastigando. — Hervé ia à escola comigo, você vai com Lisa amanhã? Espero que sim. Acho as garotas francesas maravilhosas.

Ao dizer isso, uma gota de baba achocolatada escorreu por seu queixo. Dennis olhou para Lisa com pânico nos olhos.

— Hã... sim, claro que Denise vai comigo amanhã — respondeu Lisa.

— Eu vou? — disse Dennis, tão chocado que quase se esqueceu de falar com voz de mulher e sotaque francês ao mesmo tempo.

— Vai, claro que vai. Nos vemos amanhã, Mac.

— Está bem, garotas, au revoir! — disse Mac e seguiu seu caminho pela rua em outra direção, balançando alegremente seu saco de guloseimas ao andar.

— Ah, não! — exclamou Dennis.

— Ah, sim! — disse Lisa.

— Você perdeu o juízo?

— Poxa, pelo menos pense no assunto. E se você conseguisse enganar todo mundo na escola? Ia ser muito divertido e seria nosso segredinho.

— É, acho que seria *mesmo* incrível — disse Dennis, um sorriso se abrindo no rosto. — Se os professores, meus amigos, meu irmão, se todos acreditassem que eu sou uma menina...

— Então...

— Está bem, mas vou precisar de sapatos novos!

Mas o que Dennis não sabia era que, ao voltar para casa com aqueles sapatos desconfortáveis, a brincadeira estava prestes a degingolar...

## Outro mundo

— Ainda estou preocupado com esses sapatos — disse Dennis.

— Estão ótimos. Nem dá para ver que são extralargos.

Era segunda de manhã, e Lisa e Dennis permaneciam diante dos portões da escola. O menino estava mais uma vez arrumado como Denise, usando o vestido laranja que adorava. Talvez fossem os paetês, ou talvez seu nervosismo, mas ele estava suando.

— Não posso fazer isso... — disse ele.

— Vai dar tudo certo — sussurrou Lisa enquanto outros alunos e professores entravam na escola. — Você não precisa falar muito. Ninguém aqui fala francês. As pessoas mal falam inglês.

Dennis estava tenso demais para rir da piada dela.

— Enganar Raj e Mac foi uma coisa, mas a escola inteira? Com certeza alguém vai me reconhecer...

— Que nada. Você está muito diferente. Ninguém, nem em um milhão de anos, vai imaginar que você é o Dennis.

— Fale mais baixo!

— Desculpe. Olhe, confie em mim, ninguém vai ter a menor ideia de quem você realmente é. Mas você sabe, se preferir voltar para casa...

Dennis pensou por um instante.

— Não, isso é o que o Dennis chato faria.

Lisa apenas sorriu. Dennis retribuiu o sorriso e foi em frente, cruzou os portões e seguiu até o pátio. Ela teve que apertar o passo para alcançá-lo.

— Calma — disse Lisa. — Você é uma aluna de intercâmbio francesa, não uma top model.

— Desculpe. Quer dizer, desolée.

Alguns garotos pararam e olharam para os dois. Mas os meninos sempre olhavam para Lisa, porque ela era absurdamente linda. E as garotas gostavam de conferir o que ela estava vestindo, até mesmo as invejosas, que inventavam motivos para não gostar dela. Mas agora que Lisa estava ao lado de uma garota nova sem o uniforme da escola, havia ainda mais razão para olhar. Dennis adorou receber aquela atenção toda. Ele avistou Darvesh esperando por ele em frente à sala de aula como sempre fazia. Às vezes os dois conseguiam bater uma bolinha rápida antes do sinal. Darvesh o examinou atentamente por um instante, então desviou o olhar. *Uau*, pensou Dennis. *Nem meu melhor amigo me reconhece.*

A sala de Lisa ficava no último andar do prédio principal da escola. Apesar de John estar no mesmo ano de Lisa, eles não eram da mesma turma. E os alunos dois anos mais velhos que Dennis não o conheciam, assim como ele não os conhecia, por isso o menino nunca tinha visto a

maioria das pessoas da turma de Lisa. Em uma escola de quase mil alunos, era muito fácil cair no anonimato.

A menos, é claro, que você fosse muito linda como Lisa, ou tivesse enfiado o bilau em um tubo de ensaio durante uma aula de química, como Rory Malone.

Quando os dois chegaram à sala de aula, o sinal já havia tocado. Entraram enquanto a professora de educação física, a Srta. Bresslaw, fazia a chamada. Os alunos gostavam dela, apesar de ela ter um mau hálito forte. Corria um boato na escola de que seu bafo certa vez quebrara uma janela na sala dos professores, mas só os alunos novos acreditavam nisso.

— Steve Connor.

— Presente.

— Mac Cribbins.

— Presente.

— Louise Dale.

— Aqui.

— Lorna Douglas.

— Presente.

— E Lisa James... você está atrasada.

— Me desculpe...

— Quem é essa com você? — perguntou a professora.

— Uma estudante de intercâmbio que está hospedada na minha casa, professora. O nome dela é Denise.

— Não me falaram nada sobre isso — disse a mulher.

— Não falaram? Desculpe. Eu conversei com Braveza.

— Sr. Braveza, Lisa — repreendeu-a a Srta. Bresslaw.

— Desculpe. O Sr. Braveza, o diretor. Eu conversei com ele sobre isso.

A professora se levantou da cadeira e se aproximou da recém-chegada. Enquanto examinava Dennis, respirou de leve sobre ele. *Humm, o cheiro é ruim mesmo*, pensou o menino. Parecia uma mistura de cigarro, café e cocô. Ele prendeu a respiração e então sentiu o suor escorrer em profusão. Teve medo de que a maquiagem derretesse e começasse a formar uma poça no chão. Houve um momento de silêncio. Lisa sorriu. E, por fim, a Srta. Bresslaw sorriu também.



— Certo, então está tudo bem — disse ela. — Denise, por favor, escolha um lugar. Bem-vinda à escola.

— Merci beaucoup — disse Dennis.

Ele e Lisa se sentaram juntos. A Srta. Bresslaw continuou a chamada.

Lisa pegou a mão dele por baixo da carteira e a apertou de leve, como que dizendo: *Não se preocupe*. Dennis pegou a mão dela e a apertou também, só porque era gostoso.

No corredor, Mac veio apressado e ofegante falar com os dois.

— Oi, meninas.

— Ah, oi, Mac — disse Lisa. — Como vai sua dieta?

— Ótima — respondeu ele, abrindo um Twix. — Bonjour, Denise — disse Mac, envergonhado.

— Bonjour.

— Hummmmm... eu estava pensando, provavelmente você vai dizer não, mas, se não for fazer nada depois da escola com Lisa, queria saber se você não está a fim de ir tomar um ou dois sorvetes comigo.

Dennis olhou em pânico para Lisa, que assumiu o controle da situação:

— Sabe o que é, Mac, Denise e eu já fizemos planos para depois das aulas. Mas sei que ela adoraria. Fica para a próxima, está bem?

Mac pareceu desapontado, mas não chateado. Dennis se impressionou com o tato de Lisa ao dispensá-lo.

— Então vejo você outro dia — disse Mac.

E, com um sorriso tímido, ele seguiu em frente sozinho, comendo seu Twix e já desembulhando outro chocolate no caminho.

Lisa esperou até ele se afastar bastante para dizer:

— Ele gostou mesmo de você.

— Ah, não!

— Não se preocupe, isso é legal! — disse Lisa. — Na verdade, é ótimo. Significa que você está muito convincente como menina.

Ela riu.

— Isso não é engraçado.

— É sim — retrucou ela e tornou a rir.

\* \* \*

A primeira aula do dia, geografia, transcorreu sem incidentes. Dennis, porém, não achava que seu conhecimento recém-adquirido a respeito dos lagos em forma de ferradura viria a ser útil no mundo adulto.

A menos, é claro, que ele quisesse ser professor de geografia.

Ele também se saiu bem na segunda aula, física. Ímãs e limalha de ferro. Fascinante! Dennis não entendia aquela matéria quando era um menino e entendia ainda menos como menina. Mas estava aprendendo bem rápido que:

Era melhor ficar em silêncio durante as aulas,

Devia se lembrar de cruzar as pernas quando estava de vestido, e, o mais importante,

Não devia chamar a atenção dos meninos, pois podia ser mais atraente do que imaginava!

O sinal tocou novamente. Era hora do recreio.

— Preciso ir ao banheiro — disse Dennis, desesperado.

— Eu também — falou Lisa. — Vamos juntos.

Ela o pegou pela mão, e os dois entraram juntos no banheiro feminino.

E Dennis se viu em outro mundo...

Os garotos tratavam o banheiro como um lugar bastante funcional. Você fazia o que tinha que fazer, talvez escrevesse alguma coisa rude sobre o diretor na porta da cabine e então ia embora.

Já o banheiro feminino parecia uma festa.

E estava lotado.

Dezenas de meninas competiam pelo espaço em torno dos espelhos, enquanto outras conversavam com as colegas nas cabines adjacentes.

Lisa e Dennis entraram na fila para os vasos sanitários. Dennis não estava acostumado a filas, mas descobriu que adorava aquilo. Ouvir todas as meninas conversando umas com as outras ali era uma experiência totalmente nova. Sem a presença dos meninos, elas pareciam se comportar de modo bem diferente. Conversavam, riam e dividiam tudo.

Os risos, o brilho labial, a maquiagem glamourosa... era um mundo perfeito!

Lisa retocou o batom. Estava prestes a guardar a bolsinha de maquiagem quando parou no meio do caminho.

— Quer que retoque a sua também?

— Ah, sim, por favor! — exclamou Dennis, com seu melhor sotaque francês.

— Vamos ver — disse Lisa, procurando algo na bolsa. — Talvez devêssemos experimentar uma cor diferente de batom...



— Tenho um cor-de-rosa lindo aqui, Lisa — intrometeu-se uma das garotas.

— Acabei de comprar esta sombra nova — disse outra.

Antes que Dennis pudesse dizer alguma coisa, todas aquelas meninas estavam em volta dele, ajudando a passar lápis de boca, base, blush, delineador, rímel, batom... tudo.

Fazia anos que Dennis não se sentia tão feliz. Todas aquelas meninas conversando com ele, fazendo-o se sentir especial. Ele estava no paraíso.

## Dois tempos de francês

— Mas que inferno — sussurrou Dennis.

— Shhh — fez Lisa.

— Você não me disse que tinha aula de *francês* hoje.

— Eu esqueci.

— Esqueceu?!

— Shhh. E são dois tempos, aliás.

— *Dois* tempos?

— Bonjour, la classe — saudou a Srta. Windsor bem alto ao entrar na sala.

Dennis rezou para que ela não o reconhecesse da tarde do castigo.

— Bonjour, mademoiselle Windsor — respondeu a turma em uníssono.

A Srta. Windsor sempre começava as aulas falando francês, o que dava a falsa impressão de que os alunos eram fluentes no idioma. De repente ela viu a menina de vestido laranja e toda maquiada. Não tinha como não notá-la. Ela se destacava como uma bola de espelhos naquela sala de aula sem graça.

— Et qui êtes-vous? — perguntou ela.

Dennis ficou ali sentado, paralisado pelo medo, com a sensação terrível de estar prestes a vomitar ou fazer xixi, ou os dois ao mesmo tempo, se é que isso era possível.

Frustrada pela falta de resposta, a Srta. Windsor abandonou a língua francesa, como normalmente era obrigada a fazer alguns segundos após entrar na sala de aula, e repetiu em inglês:

— E quem é você?

Mesmo assim Dennis continuou em silêncio.

Todos olharam para Lisa. Ela engoliu em seco.

— É minha amiga alemã do intercâmbio, Srta. Windsor — explicou ela.

— Você não disse que ela era francesa? — perguntou Mac inocentemente, sua voz saindo um pouco abafada por causa do caramelo que ele mastigava.

— É, isso, me perdoe. É minha amiga francesa. *Obrigada*, Mac — disse Lisa, fuzilando-o com o olhar.

Ele franziu a testa, parecendo magoado e confuso.



O rosto da Srta. Windsor se iluminou de alegria na mesma hora. Ela não sorria tanto desde que convencera o diretor a servir baguetes no refeitório da escola.

— Ah, mais soyez la bienvenue! Quel grand plaisir de vous accueillir dans notre humble salle de classe! C'est tout simplement merveilleux! J'ai tant de questions à vous poser. De quelle région de la France venez-vous? Comment sont les écoles là-bas? Quel es votre passe-temps favori? Que font vos parents dans la vie? S'il-vous-plaît, venez au tableau et décrivez votre vie en France pour que nous puissions tous en bénéficier. Ces élèves pourraient tirer grand profit d'un entretien avec une vraie française telle que vous! Mais rendez-moi un service, ne me corrigez pas devant eux!

Como todo mundo na turma, e também como a maioria dos leitores deste livro — com a exceção dos muito espertos ou franceses —, Dennis não tinha a mínima ideia de o que a Srta. Windsor tinha acabado de falar. Eu também não sei. Tive que pedir a um amigo que traduzisse para mim. Resumindo, a Srta. Windsor disse que está muito feliz em ter uma francesa de verdade em sua turma e fez um monte de perguntas sobre a vida na França. Pelo menos eu espero que seja isso, a menos que meu amigo esteja me pregando uma peça e a Srta. Windsor só tenha comentado sobre seu episódio favorito de *Bob Esponja* ou algo assim.

— Hum... Oui — disse Dennis, torcendo para que, se dissesse apenas “sim”, ele não se complicasse muito.

Infelizmente, a Srta. Windsor ficou ainda mais animada e conduziu Dennis até a frente da sala, tagarelando animadíssima em francês durante o percurso:

— Oui, c'est vraiment merveilleux. On devrait faire cela tous les jours! Faire venir des élèves dont le français est la langue maternelle! Ce sont les jours comme celui-ci que je me souviens pourquoi j'ai voulu devenir prof. S'il-vous-plaît, racontez-nous vos premières impressions de l'Angleterre.

Dennis ficou parado diante de todos. Parecia que Lisa queria gritar alguma coisa para ajudar, mas não conseguiu emitir nenhum som.

O menino sentiu como se estivesse embaixo d'água ou em um pesadelo. Ele observou a assustadora imobilidade na sala. Todos olhavam para ele. Nada se mexia, exceto a boca de Mac.

Caramelos são muito bons de mastigar.

— Posso falar em inglês por um instante? — perguntou Dennis, usando seu sotaque francês.

A Srta. Windsor ficou um pouco surpresa e muito decepcionada.

— Sim, é claro.

— Hã... como posso dizer isso de maneira... como vocês dizem... educada?

— Poliment, oui.

— Madame Windsor — prosseguiu Dennis. — Seu sotaque francês é horrível. Sinto muito, mas não entendo nada do que a senhora diz.

Alguns alunos riram com crueldade. Uma única lágrima brotou no olho da Srta. Windsor e escorreu por seu rosto.

— Está tudo bem, senhorita? Precisa de um lenço de papel? — perguntou Lisa e lançou um olhar furioso a Dennis.

— Não, não, estou ótima, obrigada, Lisa. Entrou um cisco no meu olho, só isso.

A professora ficou ali, balançando como se tivesse levado um tiro mas ainda não houvesse caído no chão.

— Hum... que tal vocês pegarem alguma coisa para ler? Preciso sair por um instante para pegar um pouco de ar.

Ela fechou a porta. Por um momento, a sala ficou em silêncio. Depois, lá de fora, veio um grande e lamentoso gemido.

— Aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaah.

Em seguida, o silêncio.

Outro gemido.

— Aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaah.

Mais silêncio, e então um lamento ainda mais longo:

— Aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaah.



As bocas dos alunos que haviam rido estavam bem fechadas de arrependimento. Lisa olhou para Dennis, que abaixou a cabeça, envergonhado. Ele voltou para seu lugar, arrastando os saltos altos.

Passaram-se mais alguns segundos, que pareceram durar horas, até que a Srta. Windsor voltou para a sala. Seu rosto estava vermelho e inchado de tanto chorar.

— Certo, bem, hum... certo, bom... abram o livro na página cinquenta e oito e respondam às perguntas (a), (b) e (c).

Os alunos obedeceram, mais silenciosos e diligentes do que nunca.

— Quer um caramelo, Srta. Windsor? — arriscou Mac.

Mac sabia melhor do que ninguém que doces são capazes de proporcionar conforto momentâneo em meio ao desespero.

— Não, obrigada, Mac. Não quero estragar meu almoço. É bœuf bourguignon...

E nisso ela voltou a chorar desenfreadamente.

## Silenciosa como a neve

— Você é um &\*\*\*%\$£% completo!

Ops, me desculpem. Sei que, apesar de crianças de verdade falarem palavrão, não se pode escrever palavrões em livros infantis. Por favor, me perdoem, é a &\*\*\*%\$£% da regra!

— Você não deveria falar essas coisas, Lisa.

— Por que não? — perguntou ela, com raiva.

— Porque algum professor pode ouvir.

— Não dou a mínima se alguém vai ouvir — retrucou Lisa. — Como você foi capaz de fazer aquilo com a coitada da Srta. Windsor?

— Eu sei... estou me sentindo muito mal...

— Ela agora deve estar chorando no bœuf bourguignon.

Eles estavam chegando ao movimentado pátio. Era hora do recreio, e as pessoas se reuniam em grupinhos, conversando, rindo, aproveitando o pequeno momento de liberdade. Partidas de futebol começavam por toda parte. Dennis normalmente estaria em um desses jogos se não estivesse usando peruca, maquiagem e um vestido laranja de paetês.

E salto alto.

— Talvez eu devesse pedir desculpas — disse ele.

— *Talvez?* Você precisa fazer isso. Vamos para a sala dos professores. Ela deve estar lá, a menos que já tenha pulado no rio Sena.

— Ah, não faça com que eu me sinta pior.

Enquanto atravessavam o pátio, uma bola de futebol passou rolando por eles.

— Chute para a gente, gracinha! — gritou Darvesh.

Dennis não pôde evitar. A necessidade de chutar a bola era forte demais.

— Não vá se exibir muito — disse Lisa quando ele saiu correndo atrás da bola.

Mas foi mais forte que ele. Dennis partiu rapidamente atrás da bola, dominou-a com habilidade, depois deu um toquinho para o alto e a chutou de volta na direção do amigo.

No entanto, quando chutou a bola, seu sapato voou longe, e o menino caiu de costas.

E foi então que a peruca escorregou de sua cabeça e tombou no chão.

Denise voltou a ser Dennis.

Tudo pareceu ficar em câmera lenta. Lá estava Dennis, caído no meio do pátio, de vestido, maquiagem e só com um pé do sapato. O silêncio caiu sobre a escola como neve. Todos pararam o que estavam fazendo e se viraram para olhá-lo.

— Dennis...? — perguntou Darvesh, incrédulo.

— Não, sou Denise — retrucou Dennis, mas a brincadeira tinha acabado.

Ele sentia como se estivesse olhando para a Medusa, aquele monstro da mitologia grega que

transformava as pessoas em pedra. Não conseguia se mexer. Olhou para Lisa. Seu rosto estava sombrio de preocupação. Dennis tentou sorrir.

Então, do meio do silêncio veio uma risada.

Depois outra.

E outra.

Não o tipo de risada provocada por algo engraçado, mas aquele riso cruel de zombaria, cujo objetivo é machucar e humilhar. As risadas foram crescendo e crescendo e crescendo, até Dennis sentir que o mundo inteiro ria dele.

Por toda a eternidade.

— Hahahahahahahahahahahahahahaha!



— Ei, menino — trovejou uma voz vinda do prédio da escola.

Todos ergueram o olhar, e os risos pararam no mesmo instante: era o Sr. Braveza, o diretor com coração de pedra.

— Eu, senhor? — perguntou Dennis, fingindo inocência.

— Isso, você, o menino de vestido.

Dennis olhou ao redor, mas era o único menino de vestido no pátio.

— Sim, senhor?

— Para a minha sala. AGORA!

Dennis andou lentamente em direção ao prédio. Todos observavam cada um de seus trêmulos e hesitantes passos.

Lisa pegou o outro sapato.

— Dennis... — chamou ela.

Ele olhou para trás.

— O outro pé do seu sapato.

Ele deu meia-volta.

— Não há tempo para isso, garoto — berrou o Sr. Braveza, seu bigodinho se retorcendo de raiva.

Então Dennis suspirou e saiu mancando para a sala do diretor.

Tudo lá dentro era preto ou marrom-escuro. Arrumados nas estantes em ordem cronológica viam-se volumes encadernados em couro: os registros da escola; junto, algumas fotos em preto e branco de diretores anteriores, cujas expressões severas quase faziam o Sr. Braveza parecer humano. Dennis nunca tinha entrado naquela sala sombria. Mas também não era um lugar que tivesse vontade de visitar. Conhecer seu interior tinha apenas um temível significado.

ENCRENCA DAS BRABAS.

— Você é maluco, menino?

— Não, senhor.

— Então por que está usando um vestido laranja de paetês?

— Não sei, senhor.

— Não sabe?

— Não, senhor.

O Sr. Braveza se inclinou para a frente.

— Você está usando *batom*?

Dennis queria chorar. Mas o diretor, mesmo vendo uma lágrima brotar no olho do menino, continuou o ataque:

— Essa ideia de se vestir assim, com maquiagem e salto alto... É repugnante.

— Sinto muito, senhor.

Uma lágrima escorreu pelo rosto de Dennis. Ele a capturou com a língua. Aquele sabor amargo de novo. Ele odiava aquele gosto.

— Espero que esteja bastante envergonhado — continuou o Sr. Braveza. — Está com vergonha do que fez?

— Sim, senhor.

— Não consegui ouvir, menino.

— SIM, SENHOR. — Dennis desviou o olhar por um instante. Os olhos do Sr. Braveza tinham uma intensidade sombria. Era difícil encará-lo. — Sinto muito mesmo.

— É tarde demais para isso, menino. Você andou matando aula e perturbou os professores. Você é uma desgraça. Não posso ter um degenerado circulando em minha escola.

— Mas, senhor...

— Você está expulso.

— Mas e a final do campeonato de futebol no sábado, senhor? Eu tenho que jogar!

— Acabou o futebol para você, menino.

— Por favor, senhor! Eu imploro...

— Eu já disse: VOCÊ ESTÁ EXPULSO! Saia das instalações da escola agora mesmo.





**Não havia mais nada a dizer**

— Expulso?

— Isso, pai.

— EXPULSO?

— Sim.

— Mas por quê, caramba?

Os dois estavam sentados na sala. Eram cinco da tarde; Dennis tinha tirado a maquiagem e usava as próprias roupas. Torcia para que aquilo pudesse ao menos suavizar o golpe.

Ledo engano.

— Bem...

Ele não conseguia encontrar as palavras certas. Achava que jamais as encontraria.

— ELE FOI À ESCOLA VESTIDO DE MENINA! — gritou John, apontando para o irmão como se ele fosse um alienígena que por um instante tivesse enganado todo mundo assumindo a forma humana. Certamente ele estava ouvindo atrás da porta.

— Você se vestiu de menina? — perguntou o pai.

— É.

— Você já fez isso antes?

— Algumas vezes.

— Algumas vezes! Você *gosta* de se vestir de menina?

O pai tinha nos olhos uma expressão de sofrimento que Dennis não via desde a partida da mãe.

— Um pouco.

— Ora, ou você gosta ou não gosta.

*Suspiro.*

— Bem, sim, pai. Gosto. É bem... divertido.

— O que foi que eu fiz para merecer isso? Meu filho gosta de usar vestido!

— *Eu não gosto, pai* — disse John, ansioso por marcar um ponto. — Nunca botei um vestido, nem de brincadeira, e nunca vou fazer isso.

— Obrigado, John — disse o pai.

— De nada. Posso pegar sorvete no freezer?

— Pode — respondeu o homem, sem nem prestar atenção. — Pode pegar.



— Obrigado, pai — disse John, radiante de alegria, como se tivesse acabado de ganhar o troféu de “Filho Número Um”.

— É isso, chega. Ninguém mais vai ver aquele programa de comédia em que os dois idiotas se vestem de mulher. É má influência.

— Está bem, pai.

— Agora vá para o quarto e faça seu dever de casa!

— Eu não tenho dever de casa, pai. Fui expulso.

— Ah, é. — O pai pensou por um momento. — Então vá para o quarto e fique lá.

Dennis passou pelo irmão, que estava sentado na escada, todo satisfeito, saboreando seu sorvete. No quarto, deitou-se em sua cama e ficou pensando em como tinha arruinado tudo só por causa de um vestido. Pegou a foto que resgatara da fogueira, na qual estava com John e a mãe na praia. Era tudo o que lhe restava então. Ficou olhando para a imagem. Daria qualquer coisa para estar novamente naquela praia com a boca suja de sorvete e de mãos dadas com a mãe. Talvez se olhasse para a fotografia por bastante tempo, ele sumisse dali e retornasse àquela cena feliz.

Mas de repente a foto foi arrancada de suas mãos.

O pai a ergueu.

— O que é isto?

— Só uma foto, pai.

— Mas eu queimeei todas elas. Não quero nenhuma lembrança daquela mulher nesta casa.

— Sinto muito, pai. Essa voou da fogueira e ficou presa na cerca viva.

— Bem, agora vai para o lixo, igual à sua revista.

— Por favor, não! Me deixe guardá-la.

Dennis tomou a foto das mãos do pai.

— Como você ousa? Ora, me dê isso! AGORA! — gritou o homem.

Dennis nunca o vira com tanta raiva. Hesitante, ele devolveu a foto.

— Você tem mais alguma?

— Não, pai. Essa era a única. Eu juro.

— Não sei mais no que acreditar. Aliás, essa história toda de você se vestir de menina é culpa dela. A mãe de vocês sempre foi mole demais.

Dennis ficou em silêncio. Não havia mais nada a dizer, então ele continuou a olhar fixamente para a frente. Ouviu a porta bater. Uma hora se passou, ou teria sido um dia, um mês, um ano? Dennis não sabia mais. O presente estava em algum lugar em que ele não queria estar, e o futuro não existia mais.

Sua vida estava acabada. E ele só tinha doze anos.



A campainha tocou. Depois de alguns instantes, Dennis ouviu a voz de Darvesh no andar de baixo. Depois a de seu pai.

— Ele está proibido de sair do quarto, Darvesh.

— Mas eu preciso muito falar com ele, Sr. Sims.

— Infelizmente, não vai ser possível. Hoje não. E se você vir aquela menina idiota, Lisa, que segundo John foi quem botou na cabeça do meu filho essa ideia de usar vestido, diga a ela para não aparecer nunca mais.

— O senhor pode dizer ao Dennis que eu ainda sou amigo dele? Não importa o que aconteceu. Ele ainda é meu amigo. O senhor pode dizer isso a ele?

— Não estou falando com ele por enquanto, Darvesh. É melhor você ir embora.

Dennis ouviu a porta bater e, em seguida, foi até a janela. Viu o amigo caminhando pela rua, a chuva molhando seu *patka*. Darvesh se virou e o viu na janela do quarto. Deu um sorriso triste e acenou. Dennis acenou de volta. Então o amigo desapareceu de vista.

Dennis passou o dia inteiro enfurnado no quarto, escondido do pai.

\* \* \*

Quando anoiteceu, Dennis ouviu uma batidinha de leve na janela. Era Lisa. Ela estava em uma escada, tentando falar o mais baixo possível.

— O que  *você quer?* — perguntou Dennis.

— Preciso falar com você.

— Estou proibido de falar com você.

— Ah, vá, me deixe entrar um minuto. Por favor.

Dennis abriu a janela, e Lisa entrou. Ele voltou a se sentar na cama.

— Dennis, me desculpe. Eu sinto muito, muito mesmo. Achei que seria divertido. Não pensei que pudesse terminar desse jeito.

Ela pôs a mão no ombro dele e acariciou sua cabeça. Ninguém aflagava o cabelo de Dennis havia anos. A mãe dele fazia isso todas as noites quando o colocava para dormir. Por alguma razão, isso o fez ter vontade de chorar.

— É ridículo, não é? Por que as meninas podem usar vestido e os meninos não? Não faz o menor sentido!

— Está tudo bem, Lisa.

— Caramba, você foi *expulso!* Isso não é justo. Nem Karl Bates foi expulso, e ele mostrou a bunda para os inspetores!

— E eu vou perder a final do futebol.

— Eu sei. Sinto muito. Olhe, nunca foi minha intenção que isso acontecesse. É loucura. Vou fazer com que Braveza o aceite de volta na escola.

— Lisa...

— Eu vou. Ainda não sei como, mas prometo que vou conseguir.

Ela o abraçou e lhe deu um beijo rápido, bem perto da boca. Foi um beijo glorioso. Como podia ser qualquer outra coisa que não glorioso? Afinal, a boca de Lisa tinha a forma de um

beijo.

— Dennis, eu prometo.

## Com ou sem vestido

Dennis só teve permissão para sair de casa no fim de semana. O pai trancara o computador no armário e o proibira de ver tevê; por isso ele perdeu vários episódios de *Trisha*.

Finalmente, na manhã de sábado, o pai cedeu um pouco, e Dennis pôde sair durante o dia. Queria ir ao apartamento de Darvesh para lhe desejar boa sorte na final. No caminho, deu uma passada na banca de Raj para fazer um lanche. Só tinha treze centavos, pois sua mesada tinha sido suspensa por tempo indeterminado. Raj o saudou cheio de alegria, como sempre fazia.

— Ah, meu cliente preferido!

— Oi, Raj — disse Dennis, desanimado. — Tem alguma coisa aí que custe treze centavos?

— Deixe-me pensar. Metade de um Twix?

O menino sorriu. Era a primeira vez que sorria em uma semana.

— É bom vê-lo sorrir, Dennis. Lisa me contou o que aconteceu na escola. Eu sinto muito.

— Obrigado, Raj.

— Mas devo admitir que vocês me enganaram! Você estava muito bonita, Denise! Ha ha!

Mas, sabe, ser expulso por usar um vestido... Que absurdo! Você não fez nada de errado, Dennis. Não deixe que ninguém o convença disso.

— Obrigado, Raj.

— Por favor, pegue um doce por conta da casa...

Os olhos de Dennis se iluminaram.

— Uau, obrigado...

— ... que custe no máximo vinte e dois centavos.

\* \* \*

Ver Darvesh se preparar para a final foi mais difícil do que Dennis imaginava. Não poder jogar era a pior parte de ser expulso.

— Estou chateado por você não poder jogar hoje — disse Darvesh, cheirando um par de meias para conferir se estavam limpas. — Você é o nosso craque!

— Vocês vão se sair bem — garantiu Dennis em apoio.

— Não temos chance sem você, sabe disso. Braveza foi muito malvado em decidir pela expulsão.

— Bem, agora não tem mais jeito, não é? Não há nada que eu possa fazer.

— Deve haver alguma coisa. É tão injusto! Você só usou um vestido. Isso não me incomoda em nada, você sabe. Você ainda é Dennis, meu melhor amigo, com ou sem vestido.

Dennis ficou realmente comovido. Ele queria abraçar Darvesh, mas, como eram meninos de

doze anos, abraços não eram algo recorrente entre os dois.

— Aqueles sapatos devem ser muito desconfortáveis! — comentou Darvesh.

— Infernais! — disse Dennis, rindo.

— Aqui está seu lanche pré-jogo! — disse a mãe de Darvesh, entrando no quarto com uma bandeja repleta de comida.

— O que é isso tudo, mãe?!

— Fiz um pouco de masala, arroz, dahl, pão chapatti, samosas e, de sobremesa, uma torta de sorvete.

— Não posso comer isso tudo agora, mãe! Vou acabar vomitando! O jogo começa em uma hora!

— Você precisa de energia, menino! Não é mesmo, Dennis?

— Hum... é — respondeu o menino, hesitante. — Acho que sim...

— Diga isso a ele, Dennis. Ele não me escuta! Sabe, fiquei muito triste quando soube que você não ia jogar hoje.

— Obrigado. Foi uma semana horrível.

— Pobrezinho. Expulso só porque não estava com o uniforme da escola. Darvesh não me disse, mas *o que* você vestia?

— Hã... isso é besteira, mãe... — interveio Darvesh e tentou fazê-la sair do quarto.

— Não, tudo bem. Não me importo que ela saiba.

— Saiba o quê?

— Bem... — Dennis fez uma pausa antes de contar, muito sério: — Fui à escola usando um vestido laranja de paetês.

Houve um momento de silêncio.

— Ai, Dennis — disse ela. — Que horror!

Dennis empalideceu.

— Puxa vida, laranja não é *mesmo* sua cor — continuou ela. — Com seu cabelo claro, você provavelmente ficaria bem melhor com um tom pastel, como cor-de-rosa ou azul-bebê.

— Hummm... obrigado — disse Dennis.



— O prazer é todo meu. Pode me procurar sempre que quiser conselhos sobre moda. Agora vamos, Darvesh, coma. Vou aquecer o motor do carro — disse a mãe dele, já saindo do quarto.

— Eu adoro a sua mãe — falou Dennis. — Ela é muito legal!

— Eu também amo minha mãe, mas ela é doida! — disse Darvesh com uma risada. — E aí, você vai pelo menos assistir ao jogo, não vai? Todo mundo vai estar lá.

— Não sei...

— Acredito que será um pouco estranho para você, mas venha com a gente. Não vai ser a mesma coisa sem você. Precisamos de sua presença lá, Dennis, nem que seja para torcer. Por favor!

— Não sei se devo...

— Por favor!

Dennis se sentiu mal quando o juiz apitou o início do jogo. Alunos, pais e professores estavam todos ali de pé, reunidos ao redor do campo, empolgadíssimos. A mãe de Darvesh parecia prestes a explodir de tanta animação. Ela tinha aberto caminho até a grade à base de cotoveladas.

— Vamos lá, vamos jogar bola! — ela não parava de gritar, cheia de expectativa.

O Sr. Braveza estava ao lado dela, sentado em uma engenhoca que era uma mistura de bengala com banquinho. O fato de o diretor ser a única pessoa a não estar em pé o fazia parecer muito importante, mesmo estando sentado em uma geringonça que parecia desconfortável a ponto de deixar o traseiro dormente. Dennis colocou o capuz de seu casaco impermeável para que o Sr. Braveza não o visse.

Ele nem ia mais à escola, mas o diretor *ainda* o apavorava.

Para surpresa de Dennis, Lisa estava na torcida ao lado de Mac.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou ele. — Não sabia que você gostava de futebol.

— Ah, é a final — disse a menina com naturalidade. — Deu vontade de vir e torcer como todo mundo.

— Agora me sinto um pouco envergonhado, Dennis — disse Mac, hesitante. — Por ter chamado você para sair e tudo mais.

— Não se preocupe, Mac. De certa forma, fiquei até lisonjeado.

— Bem, você era uma menina bem bonita — elogiou Mac.

Lisa caiu na gargalhada.

— Mais bonita que Lisa? — brincou Dennis.

— Ei, cuidado aí com a resposta, hein?! — disse ela com um sorriso.

Pelo canto do olho, Dennis viu a Srta. Windsor abrindo caminho pelo campo para tomar seu lugar na torcida.

— Já se desculpou com a Srta. Windsor, Dennis? — perguntou Lisa.

Pelo tom da pergunta, ela já sabia a resposta.

— Hã... ainda não, mas vou fazer isso.

— Dennis!

— Eu vou.

— Você a magoou muito — acrescentou Mac enquanto, sabe-se lá como, enfiava uma barra de chocolate branco inteirinha na boca. — Eu a encontrei na banca do Raj ontem, e ela chorou quando viu uma garrafa de água Perrier.

— É, vocês têm razão, vou fazer isso. Só não pode ser agora. Não com Braveza sentado bem ali — disse Dennis, escondendo-se atrás do corpo volumoso de Mac e voltando a atenção para o jogo.

O adversário era a Escola Maudlin Street. Eles haviam sido campeões nos últimos três anos. Seus alunos tinham fama de durões, e o time jogava sujo, entrava forte nas divididas, derrubava os adversários com cotoveladas, e, certa vez, um jogador enfiara o dedo no olho do juiz. A escola de Dennis, ou melhor, ex-escola, nunca tinha vencido, e tudo o que a maioria das pessoas ali esperava deles era uma derrota heroica. Ainda mais agora que o melhor jogador tinha sido expulso...

Como era de se esperar, a Maudlin Street começou o jogo fazendo pressão: marcou 1 a 0 logo nos primeiros minutos. Um de seus jogadores recebeu cartão amarelo por uma falta violenta em um dos zagueiros pouco antes de fazerem o segundo gol.

Depois o terceiro.

Darvesh correu até Gareth.

— Não temos a menor chance. Precisamos do Dennis!

— Ele foi expulso, Darvesh. Vamos lá, podemos ganhar sem ele.

— Não podemos não, e você sabe disso!

Gareth saiu correndo atrás da bola. Mais um gol da Maudlin Street.

4 a 0.

Aquilo estava virando um massacre.

Houve uma interrupção enquanto a mãe de Darvesh e a Srta. Windsor colocavam um dos jogadores do time da escola na maca. Um atacante da Maudlin Street tinha “acidentalmente” pisado na perna dele.

— Por favor, Gareth, faça alguma coisa! — gritou Darvesh.

Gareth deu um suspiro e foi até o Sr. Braveza.

— O que você quer, menino? Isso é um desastre! Vocês estão envergonhando a escola!

— Sinto muito. Mas o senhor expulsou nosso melhor jogador. Não temos a menor chance sem Dennis.

— Aquele menino não vai jogar.

Gareth ficou arrasado.

— Mas, senhor, nós *precisamos* dele.

— Não quero aquele menino infeliz que usa vestidos representando a escola.

— Por favor, senhor...

— Continue o jogo, menino.

E com isso o Sr. Braveza o dispensou com um gesto.

Gareth voltou correndo para o campo, mas em poucos minutos ele estava estirado na grama molhada gritando de dor. Tinha sido atingido na virilha por uma bolada forte chutada por um dos atacantes da Maudlin Street. Depois disso, o mesmo menino recuperou a bola e a mandou para o gol.

5 a 0.

— O senhor sabe que deveria deixar o garoto jogar, senhor diretor — disse, nervosa, a mãe de Darvesh.

— Eu agradeceria se a senhora não se metesse nisso, madame — respondeu o Sr. Braveza, grosseiro.

— Vamos lá, Mac — disse Lisa com autoridade. — Preciso de sua ajuda.

— Aonde vocês vão? — perguntou Dennis.

— Você vai ver — respondeu a menina, dando uma piscadela, e afastou-se com Mac a tiracolo.

Os torcedores da Maudlin Street gritaram de satisfação outra vez. Mais um gol.

6 a 0.

Dennis fechou os olhos. Não conseguia mais assistir àquilo.

— Onde diabos eles se meteram? — gritou o Sr. Braveza para ninguém em especial.

O segundo tempo já ia começar, e o time inteiro da Maudlin Street estava a postos no campo, ansioso por acabar logo com a carnificina. Mas o time da escola de Dennis ainda não havia aparecido. Será que tinham fugido?

De repente, Lisa saiu do vestiário e segurou a porta aberta.

Primeiro Gareth surgiu de lá com um vestido longo de lamê dourado...

Depois Darvesh, usando um vestido amarelo de bolinhas...

Logo atrás vieram os zagueiros em vestidos vermelhos de festa idênticos...

O resto do time surgiu logo em seguida, usando uma variedade de vestidos saídos do guarda-roupa de Lisa... E, finalmente, Dennis deixou o vestiário em um vestido cor-de-rosa de madrinha de casamento.



A torcida urrou, animada. Dennis olhou para Lisa e abriu um sorriso.  
— Acabe com eles, garoto! — disse ela.



Enquanto os jogadores corriam para o campo, o Sr. Braveza gritou para Gareth:

— MAS QUE DIABOS VOCÊ ACHA QUE ESTÁ FAZENDO, MENINO?

— O senhor expulsou Dennis por usar um vestido. Mas não pode expulsar todos nós! — gritou Gareth em resposta, triunfante.

Todos os garotos do time se alinharam desafiadoramente atrás de seu capitão, fazendo poses como se fossem bailarinos em um clipe da Madonna. A torcida enlouqueceu.

— ISTO É UMA DESGRAÇA! — berrou o Sr. Braveza, que foi embora dali com aquela coisa que ninguém sabia se era banco ou bengala.

Gareth sorriu para Dennis.

— Vamos lá, rapazes. Vamos jogar bola! — exclamou Gareth.

O juiz, atônito, soprou o apito antes que caísse de sua boca. Poucos segundos depois, Dennis

marcou um gol. O time da Maudlin Street estava chocado.

Ainda perdiam por 6 a 1, mas Dennis e seus companheiros de time estavam de volta ao jogo.

— Olé! — gritou Darvesh ao levantar a saia e driblar um zagueiro do time adversário.

Rindo, Dennis marcou outro gol. O menino estava prestes a fazer o terceiro e se sentia cem vezes mais feliz do que jamais estivera. Naquele momento, ele fazia ao mesmo tempo as duas coisas de que mais gostava no mundo: jogar futebol e usar vestido. Em seguida, Darvesh fez um gol. Deu um carrinho e deslizou pela grama, deixando uma grande mancha marrom no vestido quando tocou a bola por debaixo das pernas do goleiro da Maudlin Street.

6 a 3.

— Meu filho! Meu filho, o do vestido de bolinha amarelinha, fez um gol! — gritou a mãe de Darvesh.



Eles estavam a todo vapor. Dennis fez um cruzamento perfeito para Gareth, que precisou apenas dar um toquinho para o gol.

6 a 4.

Gareth, sendo Gareth, comemorou como se o gol fosse ser repetido para sempre nos programas esportivos da tevê, dando três saltos mortais no campo e levantando a saia do vestido de lamê dourado enquanto corria. A torcida ria e aplaudia. Depois veio mais um gol e, em

seguida, outro.

6 a 6.

Faltavam apenas alguns minutos para o jogo terminar.

Só mais um gol, e eles venceriam.

— Vamos lá, Dennis — gritou Lisa. — Você vai conseguir!

Dennis olhou para ela e sorriu. *Seria muito legal se eu fizesse um gol agora*, pensou ele, *ainda mais na frente de Lisa... minha futura esposa.*

Mas naquele instante Dennis caiu no chão de dor.

As pessoas em volta do campo soltaram uma exclamação de susto.

Um dos atacantes da Maudlin Street fez uma falta feia nele, sem bola, dando um chute forte na canela de Dennis. Ele ficou caído na lama, segurando a perna em agonia. O juiz não viu nada.

— Ele está fazendo fita, juiz! — protestou o garoto da Maudlin Street.

A torcida vaiou.

O menino estava se segurando para não chorar. Ele abriu os olhos; sua visão ficou turva por alguns instantes.

Ali deitado, com o rosto na grama, ele olhou para a torcida. Através das lágrimas, notou uma camisa xadrez vermelha que lhe era bem familiar...

E então a camisa xadrez vermelha se transformou em um homem...

E o homem gritou, com uma voz grave ainda mais familiar:

— EI! O QUE É QUE ESTÁ ACONTECENDO?

Seu pai.

Dennis não podia acreditar. O pai dele nunca tinha ido vê-lo jogar pela escola antes, e agora Dennis estava ali, esparramado no chão com lágrimas nos olhos e usando um vestido. Aquilo não ia acabar bem...

Mas o pai olhou para Dennis e sorriu.

— EI! JUIZ! — gritou ele. — Aquele garoto fez falta no meu filho!



Dennis se levantou. Sua perna ainda latejava de dor, mas ele foi tomado por uma sensação calorosa. O menino firmou os pés. E sorriu de volta para o pai.

— Você está bem? — perguntou Darvesh.

— Estou.

— VAMOS LÁ, FILHO! — gritou o pai, agora se empolgando de vez. — VOCÊ CONSEGUE!

— Eu liguei para ele no intervalo — disse Darvesh. — Depois do que você me disse, que seu pai nunca tinha visto você jogar, achei que você não fosse querer que ele perdesse esta partida.

— Valeu, amigo — agradeceu Dennis.

Sempre que o menino pensava que Darvesh não podia mais surpreendê-lo, que não era possível ser um amigo melhor, ele se superava e conseguia.

Gareth roubou a bola de um dos garotos da Maudlin Street. Darvesh disparou pela lateral, e Gareth lhe deu um passe. O time da Maudlin Street apertou a marcação em cima de Darvesh, que devolveu a bola. Gareth pareceu ficar paralisado de pânico por um momento, mas passou a bola para Dennis, que driblou os zagueiros e a chutou por cima do goleiro.

Ele não teve a menor chance.

6 a 7!

Foi quando soou o apito. Fim de jogo.

— ÉÉÉÉÉ CAAAAAAMPEÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃOOO!!! — gritou a torcida.

— MUUUUIIIITOOOO BOOOOOOMMMMM, FILHÃÃÃÃOOOO — gritou o pai de Dennis.

O menino olhou para ele e sorriu. Por um segundo, pensou ter visto o rosto do irmão na multidão, mas não podia ter certeza, pois, naquela empolgação, tudo parecia se misturar. Gareth foi o primeiro a abraçar Dennis. Depois veio Darvesh. Em instantes, todos se abraçavam, emocionados, comemorando a vitória. A escola nunca tinha sequer chegado às semifinais. E agora eles eram campeões!

Incapaz de conter a emoção, o pai entrou correndo no campo e pôs Dennis nos ombros.

— Este é o meu filho! O meu garoto! — gritava ele, cheio de orgulho.



A multidão irrompeu novamente em vivas e aplausos. Dennis sorria como nunca. Olhou para Gareth, Darvesh e o resto do time, todos de vestido.

*Só tem um problema, pensou Dennis. Já não me sinto mais tão especial.*

Mas ele guardou esse pensamento para si.

**Arrastando na lama**

O time da Maudlin Street e seus torcedores foram embora resmungando coisas como “armação”, “revanche” e “bando de maricas!”.

Gareth entregou a reluzente taça prateada nas mãos de Darvesh.

A multidão vibrou.

— Meu filho! Ele joga muito! De amarelo, então, nem se fala! — exclamou a mãe de Darvesh.

O menino olhou para a mãe e ergueu a taça.

— Esta é para você, mãe.

Ela pegou um de seus lenços de papel e enxugou uma lágrima do olho. Depois Darvesh entregou a taça a Dennis. Naquele instante, o Sr. Braveza reapareceu no meio do campo.

— VOCÊ NÃO, MENINO!

— Mas, senhor...

— Você ainda está expulso desta escola.

A multidão começou a vaiar. Mac tirou o caramelo da boca por um momento para vaiar também. Até a Srta. Windsor se permitiu um pequeno “Uuuuu” à revolução francesa.

— SILÊNCIO!

E todos se calaram na mesma hora. Até os adultos ficaram com medo.

— Mas eu pensei... — disse Dennis.

— O que quer que tenha pensado, menino, estava errado — resmungou o Sr. Braveza. — Agora saia das dependências da escola antes que eu chame a polícia.

— Mas, senhor...

— AGORA!

Então o pai de Dennis interveio:

— O senhor é um completo idiota — disse ele, pegando o Sr. Braveza de surpresa. Ninguém jamais falara com o diretor daquele jeito antes. — Meu filho acabou de ganhar o campeonato para a sua escola.

— Meu filho também ajudou! — acrescentou a mãe de Darvesh.

— Mas Dennis foi expulso — retrucou o Sr. Braveza com um repugnante sorriso presunçoso.



— Sabe de uma coisa? Estou pensando seriamente em enfiar esta taça no seu... você sabe onde! — disse o pai.

— Nossa, ele causa mais vergonha que eu — murmurou a mãe de Darvesh.

— Olhe, senhor...

— Sims. E ele é Dennis Sims. Meu filho, Dennis Sims. Lembre-se desse nome. Um dia ele vai ser um jogador famoso. Pode escrever o que digo. E eu sou o pai dele e não podia estar mais orgulhoso. Vamos, filho, vamos para casa — disse o pai, pegando a mão de Dennis e atravessando o campo com ele.

A barra do vestido de Dennis estava arrastando na lama, mas ele apertou a mão do pai enquanto chapinhava pelas poças.

— Sinto muito por ter sujado todo o seu vestido de lama — disse Dennis ao devolver para Lisa a roupa de festa de madrinha.

Era final da tarde, e os dois estavam sentados no chão do quarto dela.

— Dennis, me desculpe. Eu tentei.

— Lisa, você foi fantástica. Graças a você eu pude jogar a final. Era isso o que realmente importava. Agora só preciso achar uma escola que me aceite, o menino de vestido.

— Quem sabe a Maudlin Street? — disse ela com um sorriso.

Dennis riu. Os dois ficaram sentados em silêncio por um momento.

— Vou sentir sua falta — disse ele.

— Também vou sentir saudades, Dennis. Vai ser triste não ver você na escola, mas ainda podemos nos encontrar nos fins de semana, não podemos?

— Claro. Obrigado por tudo, Lisa.

— Por que está me agradecendo? Eu provoquei a sua expulsão!

Dennis fez uma pausa.

— Lisa, quero agradecer a você por abrir meus olhos.

Ela baixou o olhar, tímida. Dennis nunca a vira daquele jeito antes.

— Ora, obrigada, Dennis. Foi a coisa mais linda que já me disseram.

Dennis abriu um sorriso, e por um momento se sentiu mais confiante.

— E eu tenho que lhe dizer uma coisa. Algo que quero lhe dizer há anos.

— O quê?

— Eu sou completa e desesperadamente...

— Completa e desesperadamente o quê?

Mas ele não conseguiu dizer. Às vezes é complicado falar sobre o que sentimos.

— Digo quando ficar mais velho.

— Promete, Dennis?

— Prometo.

Espero que ele faça isso mesmo. Todos temos uma pessoa que, quando está perto, faz nosso coração disparar. Mas, mesmo quando se é adulto, às vezes é difícil dizer o que se sente.

Lisa acariciou o cabelo de Dennis. Ele fechou os olhos, para aproveitar ao máximo a sensação.

A caminho de casa, o menino passou pela banca de Raj. Não ia entrar, mas Raj o viu e o interceptou.

— Dennis, você parece tão triste! Entre, entre! Qual é o problema, rapaz?

O menino contou a ele o que havia acontecido no jogo de futebol, e Raj balançou a cabeça,

incrédulo.

— Você percebe a ironia, Dennis? — disse Raj. — Essas pessoas que são tão rápidas em fazer julgamentos, professores, políticos, líderes religiosos ou seja lá quem forem, normalmente são capazes de coisas bem piores!

— Pode ser — murmurou o menino, distraído.

— Não é “pode ser”, Dennis. É verdade. Sabe esse seu diretor, qual é o nome dele?

— Sr. Braveza.

— Isso mesmo. Posso jurar que há algo estranho acontecendo com ele.

— Estranho?

Dennis ficou intrigado.

— Posso estar errado — prosseguiu Raj —, mas, sabe, ele vinha aqui todo domingo às sete da manhã para comprar o *Telegraph*. À mesma hora toda semana. Então, depois de um tempo, ele sumiu, e a irmã passou a vir em seu lugar. Pelo menos ele *disse* que era irmã dele.

— O que você quer dizer com isso?

— Bem, não posso dizer com certeza, mas há algo muito estranho com essa mulher.

— É mesmo? O quê?

— Apareça amanhã às sete e veja você mesmo. — Raj tocou a ponta do nariz. — Agora, quer a outra metade daquele Twix? Não consegui vendê-la.

\* \* \*

— É muito cedo para um domingo — reclamou Lisa. — São quinze para as sete. Eu deveria estar na cama.

— Desculpe — disse Dennis.

— Então Braveza tem uma irmã, e daí?

— Bem, Raj disse que havia alguma coisa estranha a respeito dela. Olhe, é melhor corrermos se quisermos estar lá às sete.

Eles apertaram o passo, seguindo pelas ruas frias e enevoadas. O chão estava úmido após a tempestade que caíra à noite. Todos ainda dormiam, e a ausência de gente dava à cidade uma aura sombria. Lisa, é claro, estava de salto alto, mas Dennis, não. Tudo o que se ouvia era o barulho dos saltos dela pela rua.

De repente uma mulher muito alta, vestida de preto, surgiu do meio da névoa e entrou na banca. Dennis olhou o relógio.

Sete em ponto.

— Deve ser ela — murmurou Dennis.

Eles foram na ponta dos pés e espiaram dentro da banca. Aquela mulher estava mesmo comprando um exemplar do *Sunday Telegraph*.

— Ela está comprando um jornal. E daí? — sussurrou Lisa.

— Shhh — fez Dennis. — Ainda não demos uma boa olhada nela.

Raj viu Dennis e Lisa e piscou para eles quando a mulher se virou. Os dois se esconderam atrás de uma lata de lixo quando ela saiu da banca. Nem Dennis nem Lisa puderam crer no que viram. Se era irmã do Sr. Braveza, devia ser gêmea. Tinha até o bigode!

A figura olhou ao redor para conferir se havia alguém por perto e começou a descer a rua rapidamente. Dennis e Lisa se entreolharam e sorriram.

No flagra!

— SR. BRAVEZA? — gritou Dennis.



A figura se virou e disse, em uma voz grave e masculina:

— Sim? — Mas na mesma hora assumiu um tom feminino: — Quer dizer, não!

Dennis e Lisa se aproximaram.

— Não sou o Sr. Braveza. Não... não... com certeza não. Sou Doris, a irmã dele.

— Pare com isso, Sr. Braveza — disse Lisa. — Podemos ser jovens, mas não somos burros.

— E por que você tem bigode? — acusou Dennis.

— Tenho um probleminha com pelos faciais! — Dennis e Lisa só riram. — Ah, é você, o menino de vestido — resmungou o Sr. Braveza usando sua voz normal.

Ele sabia que não tinha escapatória.

— Sou eu mesmo. O menino que o senhor *expulsou* por usar um vestido. E aqui está o senhor usando um também.

— Não é um vestido, garoto. É um conjunto de saia e blusa — respondeu o Sr. Braveza.

— Belos saltos, senhor — disse Lisa.

Os olhos do diretor se arregalaram.

— O que querem de mim? — perguntou ele.

— Quero que Dennis seja readmitido na escola — exigiu Lisa.

— Infelizmente é impossível. Não usar o uniforme é uma infração muito séria — disse o Sr. Braveza cheio de confiança.

— Bem, e se as pessoas descobrirem que o senhor gosta de sair vestido assim? — perguntou Lisa. — Ia virar motivo de chacota.

— Estão tentando me chantagear? — perguntou o diretor, severo.

— Estamos — responderam Lisa e Dennis no mesmo instante.

— Ah. — O Sr. Braveza de repente perdeu o ímpeto. — Bem, então parece que não tenho escolha. Volte para a escola na segunda de manhã. Com o uniforme apropriado, menino. Mas vocês precisam jurar que nunca vão falar sobre isso com ninguém — acrescentou ele, sério.

— Eu juro — disse Dennis.

O Sr. Braveza olhou para Lisa, que permaneceu em silêncio por um momento, saboreando o poder que ainda tinha sobre ele. Ela estava com um sorriso enorme no rosto.

— Ah, está bem, eu também juro — disse ela por fim.

— Obrigado.

— Ah, eu quase me esqueci — disse Dennis.

— O quê, menino?

— Vamos liberar bolas de futebol de verdade no pátio durante o recreio a partir de agora — prosseguiu ele, confiante. — Jogar com bolas de tênis não é legal.

— Mais alguma coisa? — resmungou o Sr. Braveza.

— Não, acho que isso é tudo — disse Dennis.

— Se pensarmos em mais alguma coisa, informaremos ao senhor — acrescentou Lisa.

— Muito obrigado — falou o Sr. Braveza com sarcasmo. — Sabem, não é fácil ser diretor. Gritar com as pessoas o tempo inteiro, dar broncas, expulsá-las. Gosto de me vestir assim para

relaxar.

— Tudo bem, mas por que não tenta ser legal com todos? — sugeriu Lisa.

— Que ideia absurda — retrucou o Sr. Braveza.

— Até segunda-feira então, senhora! — disse Dennis, rindo. — Ops, eu quis dizer senhor!

O Sr. Braveza se virou e foi apressado para casa, o mais rápido que seus saltos permitiam.

Quando estava prestes a virar a esquina e desaparecer, ele tirou os sapatos, pegou-os nas mãos e começou a correr.

Dennis e Lisa riram tão alto que acordaram a rua inteira.

**Mãos grandes e peludas**

— Por que está vestido assim? — perguntou o pai.

Era segunda-feira. Ele estava olhando para Dennis, que comia seu cereal à mesa da cozinha usando o uniforme escolar pela primeira vez em uma semana.

— Vou voltar para a escola hoje, pai — respondeu Dennis. — O diretor mudou de ideia sobre a minha expulsão.

— Mudou? Por quê? Aquele cara é um sujeito desprezível.

— É uma longa história. Imagino que ele tenha achado que usar vestido não era algo tão grave assim, afinal.

— E ele está certo, não é? Fiquei muito orgulhoso de você no jogo. Foi muito corajoso.

— Aquele garoto me deu um chute bem forte — disse Dennis.

— Não estou falando disso. Estou falando em ir lá de vestido. *Isso* foi corajoso. Eu não teria coragem de fazer a mesma coisa. Na verdade, você é um rapazinho e tanto. Não tem sido fácil para você desde que sua mãe foi embora. Eu fiquei muito infeliz e sei que às vezes descontei em você e no seu irmão. Sinto muito por isso.

— Tudo bem, pai. Eu ainda amo você.

O pai levou a mão ao bolso e pegou a foto da família na praia.

— Não tive coragem de queimá-la, filho. Só que para mim é muito doloroso ver fotos como esta. Eu amava muito sua mãe, sabe? Ainda a amo até hoje, mesmo depois de tudo. Ser adulto é complicado assim. Mas esta foto é sua, Dennis. Guarde com carinho.

Ele devolveu a foto chamuscada ao filho. Dennis olhou para a imagem e em seguida a guardou com cuidado no bolso.

— Obrigado, pai.

— Então você vai voltar para a escola? — disse John, surgindo na cozinha.

— É — respondeu Dennis.

— Aquele diretor idiota mudou de ideia — explicou o pai.

— Olhe, acho que você tem muita coragem de voltar — disse John, colocando duas fatias de pão na torradeira. — Alguns dos garotos mais velhos podem pegar no seu pé.

Dennis baixou os olhos.

— Bem, então você precisa cuidar do seu irmão, não é, John? — disse o pai.

— E é o que eu vou fazer. Se alguém tentar alguma coisa, vou devolver na mesma moeda. Você é meu irmão, e eu vou ficar do seu lado.



— Ótimo, John — disse o pai, tentando não chorar. — Bem, rapazes, preciso ir. Tenho que levar uma carga de papel higiênico até Bradford. — Ele andou até a porta e se virou por um momento. — Tenho muito orgulho de vocês dois, sabiam? O que quer que aconteça, serão sempre os meus meninos. Vocês são tudo o que tenho.

Ele não conseguia olhar nos olhos deles enquanto falava, e então saiu apressado batendo a porta.

Dennis e John olharam um para o outro. Era como se uma era do gelo houvesse chegado ao fim e o sol brilhasse pela primeira vez depois de um milhão de anos.

— É uma pena que você tenha perdido a final. — comentou Dennis no caminho para a escola.

— É... Eu tinha, sabe, que encontrar com o pessoal em frente ao centro comunitário.

— Engraçado. Por um instante, pensei ter visto seu rosto na torcida. Mas devia ser outra pessoa.

John pigarreou.

— Bem... na verdade, eu meio que *estava* lá...  
— Eu sabia! — exclamou Dennis com um sorriso. — Por que você não quis aparecer?  
— Eu ia. Mas não consegui correr para o campo e me juntar a todos aqueles abraços. Eu queria, queria mesmo, mas... não sei. Sinto muito.  
— Bem, fico feliz por você ter ido, mesmo sem me contar. Não precisa se desculpar.  
— Obrigado.  
Eles caminharam em silêncio por um tempo.  
— Mas tem uma coisa que eu ainda não entendo — disse John. — Por que você fez aquilo?  
— O quê?  
— Resolveu usar um vestido.  
— Na verdade, nem eu sei direito — respondeu Dennis, uma expressão de dúvida cruzando seu rosto. — Eu só acho divertido.  
— Divertido?  
— Não lembra quando éramos pequenos e corríamos pelo jardim fingindo ser Daleks, o Homem-Aranha ou algo assim?  
— Lembro.  
— A sensação era a mesma. É uma brincadeira — disse Dennis, muito confiante.  
— Eu gostava dessa brincadeira — disse John, quase para si mesmo, enquanto seguiam pela rua.

\* \* \*

— Mas o quê... — começou John quando ele e Dennis entraram na banca de Raj e o viram deslumbrante em um sári verde-claro.  
E de peruca.  
E todo maquiado.  
— Bom dia, rapazes! — cumprimentou Raj, em uma voz ridiculamente aguda.  
— Bom dia, Raj — disse Dennis.  
— Ah, não, eu não sou o Raj — disse o jornalista. — Ele não veio hoje, mas me deixou tomando conta da banca. Sou Indira, tia dele.  
— Raj, nós sabemos que é você — disse John.



— Ah, droga — disse Raj, chateado. — Estou desde cedo montando este visual. O que me entregou?

— A barba por fazer — explicou Dennis.

— O pomo de adão — acrescentou John.

— Essas mãos grandes e peludas — completou Dennis.

— Está bem, está bem, já entendi. Eu queria me vingar enganando você, Dennis, depois da peça que me pregou!

— Bem, você quase me enganou, Raj — disse Dennis, tentando ser legal. — Ficou muito convincente como mulher. — Ele sorriu, observando com admiração a roupa de Raj. — Aliás, onde arrumou esse sári?

— É da minha esposa. Por sorte ela é bem grande, então coube direitinho. — Raj baixou a voz por um instante e olhou ao redor para que ninguém mais pudesse ouvir: — Ela não sabe que eu peguei emprestado, por isso, se a virem, é melhor não tocar no assunto.

— Tudo bem, Raj, não vamos falar nada.

— MUITÍSSIMO obrigado. Foi boa a dica sobre seu diretor, não foi? — disse Raj, dando uma piscadela com seus olhos borrados de delineador.

— Ah, foi, obrigado, Raj — falou Dennis, piscando de volta.

— Que história é essa do Braveza? — perguntou John.

— Ah, nada. Ele só gosta de ler o *Sunday Telegraph* — comentou Dennis.

— Bem, é melhor a gente ir, senão vamos chegar atrasados — disse John, puxando o irmão pelo braço. — Hum, só esse saco de biscoito Quavers, por favor, Raj.

— Compre dois e leve um biscoito de graça — disse Raj, muito satisfeito com sua nova oferta especial.

— Fechado — concordou John. — Parece uma boa.

Ele então pegou mais um saco de Quavers e o entregou a Dennis.

Mas Raj tirou um único biscoito de outro saco.

— E aqui está o seu biscoito grátis. Então são dois sacos de biscoito... cinquenta e oito centavos. Muito obrigado!

John pareceu confuso.

— Boa sorte hoje, Dennis! — exclamou Raj quando os dois garotos saíam da banca. — Vou ficar aqui torcendo por você.

Quando cruzou os portões da escola, Dennis viu Darvesh à sua espera segurando uma bola de futebol novinha.

— Quer bater uma bolinha? — perguntou ele. — Ganhei esta da minha mãe ontem. Agora podemos jogar com bolas de futebol de verdade no pátio — acrescentou com um ar triunfante.

— É mesmo? — disse Dennis. — Me pergunto o que fez Braveza mudar de ideia...

— Vai querer jogar ou não?

Darvesh estava ávido.

Naquele momento, Dennis viu a Srta. Windsor estacionar seu Citroën 2CV. Não era grande coisa, parecia mais uma lata de lixo sobre rodas, mas era francês, e ela o adorava.

— Encontro você no recreio, tudo bem?

— Tudo bem, aí a gente joga direito — respondeu Darvesh, fazendo embaixadinhas a caminho da sala de aula.

— John, pode esperar um instante, por favor? — pediu Dennis. — Tem uma coisa que ainda preciso fazer.

Dennis respirou fundo.

— Professora — chamou ele.

John ficou um pouco para trás.

— Ah, é você — disse a Srta. Windsor, severa. — O que deseja?

— Só queria pedir desculpas. Dizer que sinto muito. Mesmo. Não devia ter dito que seu sotaque francês não é bom.

A Srta. Windsor permaneceu em silêncio, e Dennis ficou sem graça, tentando pensar em algo mais a dizer.

— Porque é bom. Seu sotaque francês é muito bom, senhorita. Mademoiselle. Parece até que nasceu na França.

— Ora, obrigada, Dennis, ou “merci beaucoup, Dennis”, como eu diria em francês — disse a Srta. Windsor, animando-se um pouco. — Você esteve ótimo no sábado. Foi um grande jogo. E parecia mesmo uma menina de vestido, sabia?

— Obrigado, professora.

— Na verdade, fico contente por você estar de volta — disse a Srta. Windsor. — Sabe, eu escrevi uma peça...

— É mesmo?

Ele ficou apreensivo.

— É sobre a vida de Joana D’Arc, a mártir religiosa francesa do século XV...

— Bem, isso parece... hã...



— Nenhuma menina quer ser a protagonista. Aí achei que seria fantástico se um garoto fizesse o papel, pois ela, claro, era uma garota que usava roupas de homem. Dennis, acho que você seria uma Joana D'Arc maravilhosa.

Dennis olhou para o irmão, mas John só riu.

— Bem, sem dúvida parece... interessante...

— Maravilhoso. Vamos nos reunir na hora do recreio e discutir isso melhor comendo um pain au chocolat.

— Combinado, professora — disse Dennis, tentando esconder sua apreensão.

Ele se afastou devagar e em silêncio, como alguém se distanciando de uma bomba prestes a explodir.

— Ah, me esqueci de dizer: a peça é toda em francês. Au revoir!

— Au revoir — respondeu ele, no sotaque menos francês que conseguiu fazer.

— *Isso sim* eu quero ver! — disse John, rindo.

Enquanto caminhavam juntos em direção ao prédio principal da escola, John colocou o braço

nos ombros do irmão. O menino sorriu.

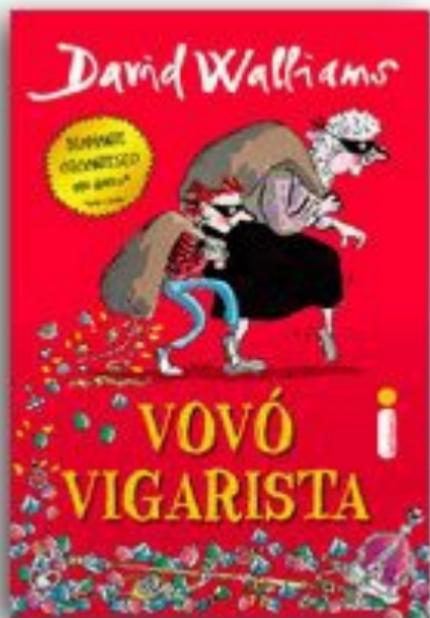
O mundo parecia diferente.



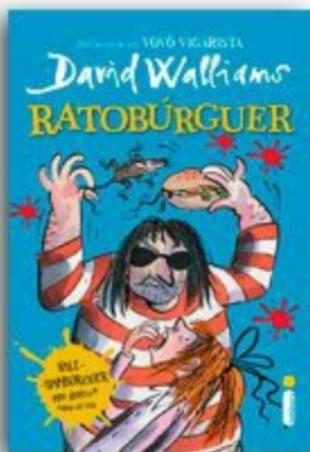


## **Sobre o autor**

DAVID WALLIAMS é ator, roteirista e autor premiado. Considerado um fenômeno da literatura infantojuvenil na Inglaterra, recebeu em 2012 o National Book Awards de Melhor Livro Infantil, e suas obras já foram traduzidas em mais de vinte e cinco idiomas. *O menino de vestido* é seu terceiro livro publicado pela Intrínseca, após *Vovó vigarista* e *Ratobúrguer*.



Vovó vigarista



Ratobúrguer